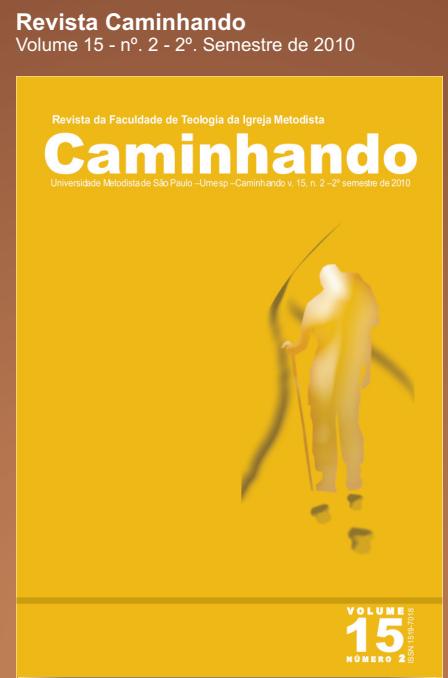


Lançamentos Editeo 2º. semestre 2010

Anuário Litúrgico 2011



Anuário Litúrgico
2011



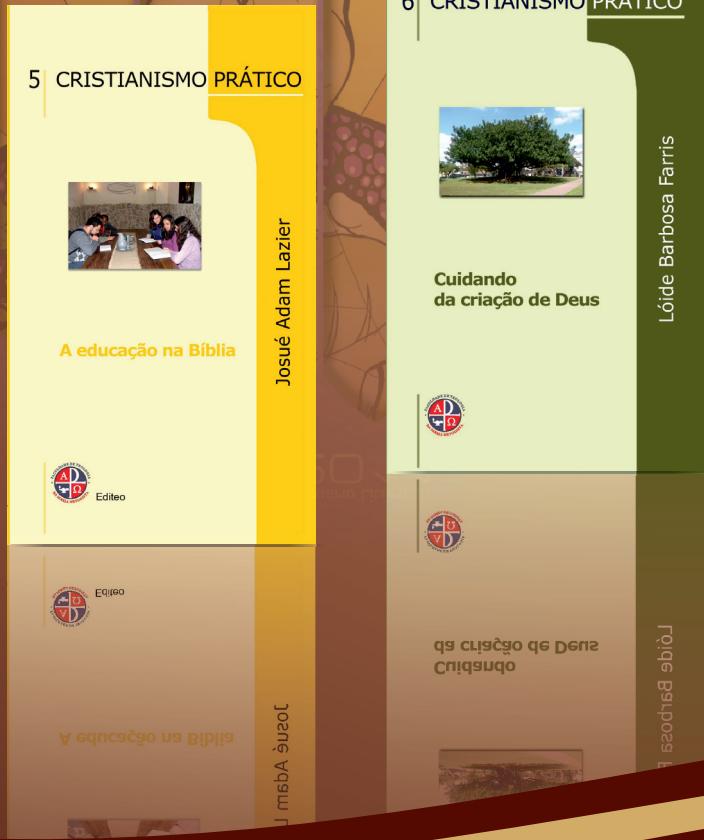
Revista Caminhando
Volume 15 - nº. 2 - 2º. Semestre de 2010

O Essencial da Doutrina Metodista
Ted A. Campbell

O ESSENCIAL
DA DOUTRINA
METODISTA



Série Cristianismo Prático
Volume 5, 6 e 7



5 CRISTIANISMO PRÁTICO

6 CRISTIANISMO PRÁTICO

Cuidando
da criação de Deus

Lóide Adam Lazier



7 CRISTIANISMO PRÁTICO

Tempo com Deus
Orações e mensagens
para momentos especiais

Lóide Barbosa Farris

Nelson Luiz Campos Leite

Informações e Vendas • Livraria da Editeo:
Tel (11) 4366-5982 / 4366-5787 • Fax (11) 4366-5988

E-mail: livrariaediteo@metodista.br
Rua do Sacramento, 230 – Rudge Ramos
09640-000 – São Bernardo do Campo – SP

mosaico

apoio pastoral



NESTA EDIÇÃO

Memória:
vida em construção
pág. 3

Garantindo a permanência
da memória
pág. 6

Memorizar, lembrar e
recordar:
tarefa da Igreja
pág. 9

“Quero trazer à memória...”
pág. 11

Por que um
Centro de Memória
Metodista?
pág. 12

A necessidade da
institucionalização da gestão
documental do metodismo
brasileiro
pág. 14

Grata Memória
do Edifício Alfa
pág. 17

Guaracy Silveira: uma visão
ampliada do Reino de Deus
pág. 20

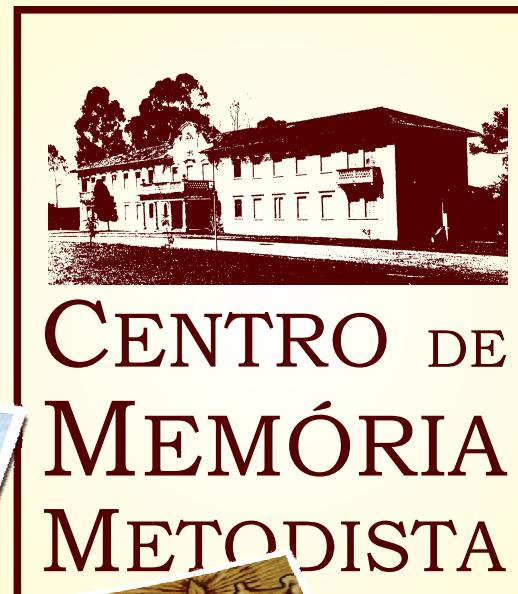
A Casa dos Profetas
e seu primeiro Reitor
pág. 23

Grata Memória...
Grata História!
pág. 27

Você já foi ao Centro de
Memória Metodista?
Não? Então, vá!
pág. 30

CAVE em caixas de plástico
E encontre história
pág. 33

Memórias significativas e a
celebração da sacralidade da
vida
pág. 36



CENTRO DE
MEMÓRIA
METODISTA



ESPECIAL
CMM

Grata Memória!

Mosaico Apoio Pastoral — Ano 18, nº. 47 — Faculdade de Teologia da Igreja Metodista — UMEP — junho/dezembro de 2010 — ISSN 1676-1170-43



Editorial

Lembrar é dar sentido ao passado, ao presente e ao futuro

Etão comum ouvimos pessoas afirmando “Brasileiro não tem memória”, numa crítica ao fato de que é característico do ser brasileiro esquecer de fatos, de situações do passado recente ou remoto, que têm relação com o presente e o futuro. Essa crítica aparece frequentemente em tempos de eleições, quando candidatos marcados por histórias controversas, denúncias e comprovações

“Na caminhada de fé cristã, a memória é um elemento fundamental”

de ações ilegais acabam sendo eleitos e permanecem desfrutando do poder. Na verdade, memória todo mundo e todo povo tem, a questão é se ela é acionada, cultivada, conservada e estimulada ou se ela é apagada, desvalorizada. Parece que na história do Brasil, quem teve poder para dirigir a as instituições de educação, de cultura e os meios de comunicação optou por selecionar memórias que

deveriam ser conservadas para manter este poder e apagar outras. E mais: optou por não dar à memória social, coletiva, o valor que ela tem. Esta história tem muito o que ser recuperada e contada. Da mesma forma acontece com as igrejas e sua memória.

Na caminhada de fé cristã, a memória é um elemento fundamental. Afinal, o sentido do ser cristão e de ser igreja, baseado nos ensinos Jesus, tem um indicativo forte: reunir-se “em memória” dele. É a memória de Jesus e suas ações que dão sentido ao discipulado e ao compromisso com a causa do Reino de Deus. Por isso a memória da caminhada da igreja é também importante, para se identificar quando ela esteve mais próxima deste sentido e quando ela esteve afastada. Estas ações do passado têm consequências no presente e significados para o futuro. Por isso devem ser lembradas e refletidas. Lamentavelmente há também seleção e apagamento na história da Igreja dentro e fora do Brasil. Há ainda muito o que ser recuperado e contado...

Como podemos ter acesso à memória a Jesus e suas ações? A Bíblia é o registro mais significativo que se soma a outras memórias do povo de Jesus, dando sentido à fé. Há também outros registros escritos muito importantes e muita coisa por descobrir. Como podemos ter acesso à memória do que foi a Igreja Metodista, a Protestante, e sua caminhada no Brasil de décadas antes de nós? Há registros por meio de escritos, fotografias, objetos. Todos estes elementos nos ensinam e iluminam o nosso presente e futuro.

O Centro de Memória Metodista inaugurado pela FaTeo em setembro se dispõe a ser este veículo de recuperação e transmissão da memória coletiva da Igreja Metodista e das igrejas protestantes no Brasil. Um rico espaço que apresentamos aqui nesta edição especial de *Mosaico Apoio Pastoral*, tornando possível um conhecimento introdutório do Centro acompanhado de um convite para uma visita, que certamente será marcante

para quem se dispor! Boa leitura e boa visita!!

Editorial

Mosaico Apoio Pastoral

Ano 18, nº 47,
Junho/Dezembro de 2010

Publicação da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista/Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Universidade Metodista de São Paulo - Reitor: Márcio de Moraes

Faculdade de Teologia: Reitor/Diretor: Rui de Souza Josgrilberg **Vice-Reitor:** Paulo Roberto Garcia **Diretor Administrativo:** Ottoniel Luciano Ribeiro

Editeo - Comissão Editorial: Blanches de Paula, Helmut Renders (coordenador), José Carlos de Souza, Magali do Nascimento Cunha, Tércio Machado Siqueira

Editora do Mosaico: Magali do Nascimento Cunha

Projeto gráfico: Luiz Carlos Ramos; **Editoração e Arte final:** Marcos Brescovich; **Capa:** Marcos Brescovich **Edição e montagem de imagens:** Marcos Brescovich; **Imagens:** sites: www.corbis.com, www.sxc.hu; **Assistente de Produção:** Fagner Pereira dos Santos **Tiragem** deste número: 2.000 exemplares. **Distribuição gratuita.**

*

*

Mosaico Apoio Pastoral

Editeo



Caixa Postal 5151, Rudge Ramos,
São Bernardo do Campo, CEP
09731-970

Fone: (0_11) 4366-5958



editeo@metodista.br

Memória: vida em construção

Magali do Nascimento Cunha

A memória tem uma função subversiva. (...) Talvez que a memória das esperanças já mortas seja capaz de trazê-las de novo à vida, de forma que o passado se transforme em profecia e a visão do paraíso perdido dê à luz a expectativa de uma utopia a ser conquistada.

Rubem Alves

Falar de memória é falar de um processo complexo, não um simples ato mental ou cerebral. As palavras usadas comumente para descrever a memória – recordar, lembrar, evocar, reconhecer, registrar, memorar – mostram que este conceito pode incluir variadas noções, desde uma sensação mental, individual, até uma cerimônia pública (os chamados atos memoriais).

Aqui, ao dedicarmos uma edição de *Mosaico Apoio Pastoral* à importância da memória, a propósito da inauguração do Centro de Memória da Faculdade de Teologia, queremos considerar um entendimento do sentido de memória que, para além do fenômeno individual e psicológico, a toma como um fenômeno social, tal como é abordado

nas ciências humanas (em especial na Sociologia e na História).

Memória, o que é?

A origem da palavra memória remete a significados que vão além de “lembra” e “recordar”.

Ela contempla também o sentido de “tradição”, “história”, “narração”, “monumento consagrado à recordação de alguém”. Trata-se, portanto, de uma etimologia que se revela abrangente das noções tanto individuais quanto sociais relativas ao termo.

A partir desta indicação, é possível afirmar que pensar a memória somente do ponto de vista individual, sem considerar o social, é pensá-la de forma muito pequena. É possível proceder estudos do campo psicológico, cognitivo, neurológico, biológico da memória mas estes não podem estar distanciados das vivências das pessoas. Ninguém é um ser isolado. Isto quer dizer que as recordações de cada pessoa estão diretamente relacionadas com as experiências vividas no grupo social a que pertence.



Ano 18, nº 47, junho/dezembro de 2010

O estudioso da memória Maurice Halbwachs toma este referencial como ponto central do seu trabalho sobre a memória coletiva ao afirmar: “Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós

que, seja como fenômeno individual ou coletivo, existem marcos, traços, elementos que passam a fazer parte da própria pessoa ou de um grupo, que poderiam ser considerados formadores da memória. Um deles seriam os acontecimentos vividos pela pessoa ou pelo grupo social no qual está inserida”.

Arquivo FaTeo



Visitação aberta no CMM após a inauguração

estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós”.

A memória é coletiva

Os estudos sociológicos sobre a memória indicam

da. A pessoa recorda fatos e acontecimentos que ela viveu e experimentou mas também vai além, e recorda acontecimentos da coletividade, dos quais nem sempre participou, mas que se revestem de tamanha importância que se torna difícil con-

seguir saber se participou ou não.

Seria um fenômeno decorrente da socialização política ou da socialização histórica, de projeção ou de identificação com um determinado passado, como se fosse uma memória herdada. É possível explicar este fenômeno com a busca de exemplos de acontecimentos regionais ou nacionais que marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos, com alto grau de identificação. No caso dos cristãos e das cristãs, há toda uma memória do povo de Israel, uma memória de Jesus e uma memória da Igreja dos primeiros séculos que marcam tanto a experiência religiosa, que esta passa ser a memória do grupo cristão e tem sido transmitida ao longo dos anos com o alto grau de identificação mencionado acima.

Outro elemento que é parte da memória são as pessoas ou as personagens. Aqui se pode afirmar também que há personagens que fazem parte da vida de uma pessoa e são recordadas, como também há personagens

com as quais a pessoa se relaciona indiretamente, mesmo em um espaço-tempo diferente, que se tornam quase que conhecidas, contemporâneas. No caso dos cristãos e cristãs, já mencionamos a figura de Jesus. No caso dos metodistas, podemos

quanto aos outros elementos, podem estar relacionados a uma experiência pessoal, individual, como podem não ter apoio espacial ou temporal. Pode-se exemplificar este fenômeno com a memória da África para muitos grupos negros no Brasil, que é

toriadores James Fentress & Chris Wickham: "em si e por si, a memória é simplesmente subjetiva. Ao mesmo tempo, porém, a memória é estruturada pela linguagem, pelo ensino e observação, pelas idéias coletivamente assumidas e por experiências partilhadas com os outros. Também isso constrói uma memória social".

A memória como referência de um grupo

«A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irredutíveis» (Michel Pollack). Neste sentido, pode-se definir como papel da memória a manutenção da coesão interna e a defesa das fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, que se concretiza na sua identidade, com vistas à continuidade da sua existência. «É a memória que diz-nos quem somos, integrando o nosso presente no nosso passado (...). Para muitos grupos, isso significa voltar a montar o puzzle: inventar um passado adequado ao presente, ou, do



nos referir à figura de John Wesley, de quem guardam "grata memória".

A memória seria também constituída por lugares. Esses lugares, conforme já mencionado

transmitida por meio do sentimento de pertencimento.

Estas indicações conduzem a uma conceituação de memória na forma trabalhada pelos his-

*Grata
Memória*

mesmo modo, um presente adequado ao passado” (Fentress e Wickham).

A memória social pode ser assim reafirmada como expressão da experiência coletiva: ela fornece identidade a um grupo, dá sentido ao seu passado e define as suas aspirações para o futuro. Quando a memória é acionada por meio das recordações, o indivíduo ou grupo está elaborando uma representação de si para si mesmo e para aqueles com quem se relaciona. Isso quer dizer que a pessoa ou o grupo é aquilo de que se lembra.

Compreender a maneira como nos lembramos – a maneira como apresentamos nossas memórias, a maneira como definimos as nossas identidades pessoais e coletivas através das nossas memórias, a maneira como ordenamos e estruturamos as nossas idéias nas nossas memórias e a maneira como transmitimos essas memórias aos outros – é compreender como somos.

O valor do cultivo da memória

É muito difícil manter a ideia clássica de que memória se preserva,

diante de tudo isto que abordamos acima. Não, a memória não é algo “colocado numa caixinha” (sejam cérebros, centros de memória ou museus) para lá ficar guardado para ser “resgatada”, intacta. Não, diante de tudo o que refletimos neste texto, a memória não pode ser “preservada” e nem “resgatada” porque diante das tantas experiências de vida de uma pessoa e de um grupo, ela está em permanente transformação, construção. Ninguém se lembra de experiências passadas do mesmo jeito nos diferentes momentos da vida. Vamos lembrar diferente, sempre. E escrever sobre isto, falar ou registrar em imagens, de forma diferente. Acrescentando ou eliminando pontos. Quantos nomes de rua já foram colocados como homenagem, memória de alguém marcante, e depois foram trocados porque outras marcas mais significativas foram adicionadas à vida do grupo! Por isso é preciso conservar a memória em escritos, registros, centros, mas estarmos sempre atentos às transformações e construções que ela experimenta para enri-

quecimento da caminhada de vida das pessoas e dos grupos.

Aqui chegamos ao valor de um Centro de Memória, mais recente serviço criado pela FaTeo. Afinal, a memória é social e é expressão da experiência coletiva. Ela fornece identidade a um grupo, sendo sentido atribuído

sua identidade – que é a imagem que este grupo constrói incessantemente para apresentar a si mesmo e aos outros. Isso significa que esta maneira de ser parece estar sempre determinada pela articulação do presente em relação ao passado e ao futuro (o que ainda não é). Um grande presente

Arquivo FaTeo



ao seu passado que configura as aspirações para o futuro. Por isto, ter a possibilidade de estudar a memória de um grupo, no caso do serviço oferecido pela FaTeo, do metodista e do protestante brasileiro, é estudar a maneira de ser deste grupo –

que torna possível nos conhecermos a nós mesmos, como protestantes e como metodistas!

Magali do Nascimento Cunha
 é leiga metodista, doutora em Ciências da Comunicação, mestre em Memória Social e Documento e professora da FaTeo.

*Grata
Memória*

Ano 18, nº 47, junho/dezembro de 2010

Garantindo a permanência da memória

Tércio Machado Siqueira

Fala memória!

O presente estudo está limitado à discussão deste tema dentro do Antigo Testamento (AT), desconsiderando o rico material deixado pelos judeus do período pós-bíblico. Esta tentativa de buscar, no AT, a prática da memória do povo bíblico, representa mais do que um esforço para conhecer o passado. Trata-se de uma convicção que o ato de lembrar proporcionou, entre os hebreus, um gesto criativo e revolucionário.

Desta forma, este estudo quer buscar na história do povo bíblico o que ele entendeu por memória, e qual foi o seu significado para a história. Como segunda meta, este trabalho se propõe analisar o contexto na vida do povo bíblico em que a memória desempenhou um papel significante. Finalmente, ele procurará entender a relação entre tradição bíblica e a discussão teológica em torno deste tema.

O que o AT entende por memória

A palavra hebraica para memória é *zikaron*, cuja raiz verbal é *zakar*, lembrar, recordar.

Vale a pena observar

que a raiz *zkr* encontra-se presente em todas as línguas semíticas com o significado de *relembra*r (aramaico), *mencionar*, *fazer conhecido* (antigo árabe do sul), *recordar*, *pensar* (etiope). Na verdade, não é fácil determinar a extensão do significado da raiz *zkr*, mas sabe-se que ela não alcançou, fora de Israel, o significado teológico que o povo bíblico transmitiu.

Na língua hebraica, destaco dois modos verbais de *zakar*, para a nossa reflexão. O primeiro modo é a forma *qal* que conjuga este verbo com o sentido de *lembrar*. Assim, alguém lembra os eventos do passado, incluindo as condições ou as pessoas com quem ele conviveu: ... *Lembra-te? Quando nós dois estávamos num carro seguindo Acab...* (2Rs 9,25). Aqui, o verbo tem a ação ou efeito de guardar na memória acontecimentos do passado.

O segundo modo verbal é o *hifil*. Trata-se de uma forma de conjugação onde evidencia o aspecto teológico. Nas narrativas do Antigo Testamento, há dois ambientes que usam esta forma de conjugação que, claramente,

fogem ao sentido do uso secular, encontrado na conjugação *qal*: nos âmbitos jurídicos e do culto.

Primeiramente, o uso do verbo *lembrar*, no âmbito jurídico, tem o sentido de *advertir que alguém pecou*, ou falhou com a comunidade.

Fica atento a ti mesmo, para que não esqueças a Javé teu Deus, e não deixes de cumprir seus mandamentos, normas e estatutos que hoje te ordeno (Dt 8,11).

A intenção do uso deste verbo *lembrar* é muito mais que um registro histórico que foi transformado em lei. Trata-se de uma norma que deve estar presente na memória do povo, a fim de que a *torah* nunca seja esquecida pela comunidade. Este registro funciona mais do que uma lei punitiva e um registro negativo: é um estímulo para que não haja esquecimento da *torah* divina. O sentido forense deste verbo também sofre uma sensível ampliação no seu significado, a saber, *fazer conhecido*. Em outras palavras, esta instrução divina não pode ser esquecida pelo povo.

Em segundo lugar, o uso mais significativo e teológico do verbo *zakar* está na forma *hifil*. É

na linguagem do culto que esta forma encontra seu uso. Nos textos litúrgicos, o verbo *lembrar* adquire significado teológico. A força e o significado do ato de *lembrar* ganham sentido a partir do objeto direto que complementa a frase.

Lembrarei do teu nome de geração em geração (Sl 45,18); *Uns confiam em carros, outros em cavalos; nós, porém, lembramos do nome de Javé nosso Deus* (Sl 20,8).

A lembrança do nome Javé era considerada o momento decisivo do culto. A razão dessa relação está no significado do nome Javé: *Eu sou o que sou*, isto é, eu crio como aquele que cria, eu ajo como aquele que age, eu libero como aquele que liberta. Portanto, o nome de Javé não é um rótulo bonito e atraente, que provoca, apenas, emoção, mas Ele é aquele produz liberdade e traz bem-estar e bênção para a humanidade e o mundo. Daí, a importância de *lembrar*, para o culto e a existência do povo bíblico e, futuramente, para a Igreja Cristã.

A memória de Javé e de seus atos salvíficos são dados que projetam a proximidade divina na teologia bíblica. Certa-

Grata
Memória

mente, esta afirmação de fé foi escandalosa para as religiões dos povos vizinhos que se orgulhavam de um deus celeste e distante das maldades humanas. A teologia bíblica se caracteriza pela memória dos atos salvíficos de Javé na história. Essa convicção inspirou o salmista escrever o Salmo 136.

Referindo-se a este modo peculiar de tratar com a memória, Werner H. Schmidt (*A fé do Antigo Testamento*, São Leopoldo: Sinodal/EST, 2004) afirma que “nenhuma característica da fé do AT é tão saliente como a sua relação com a história”. Por isso, o culto, na Bíblia, não é uma fuga da realidade, mas um reflexo da experiência do povo com o seu Deus. O livro de Salmos contém cerca de 63 ocorrências da raiz *zkr*. Para a Bíblia, lembrar não é um gesto que alimenta emoção, nem, tão pouco, curiosidade ou esforço intelectual, mas provoca ânimo e coragem para enfrentar os desafios da vida. Assim, para o povo bíblico, lembrar é resgatar confiança e promessa de ânimo para lutar pela vida; esquecer representa a tragédia.

Um dos fatos que mais caracterizam a ação da

memória na história bíblica encontra-se no exílio babilônico (587 a 539 aC). Os israelitas exilados decidiram reconstruir a nação a partir das memórias das histórias do passado. Com base no livro de Deuteronômio, eles resgataram e reuniram a história da entrada na terra, a experiência da organização tribal e as dificuldades com a po-

ganhou vigor e ânimo para viver e reconstruir a nação.

Desdobramentos do ato de lembrar, na Bíblia

Em 1926, o dinamarquês Johs. Pedersen publicou o livro *Israel: Its life and culture*. No desejo de entender e interpretar a importante função da raiz *zkr*, no culto de

pesquisas que vieram lançar luzes sobre o uso da memória no culto. Para ele, o povo bíblico via a realidade com o propósito de descobrir a totalidade. Esta conclusão veio em razão do emprego de termos psicológicos, como o coração, a pessoa etc. Desta forma, Pedersen descobriu a razão pela qual o povo bíblico colocou tanta importância no ato de lembrar. Para ele, lembrar é o pensamento em ação. Afinal, não é difícil observar, no AT, que o verbo *zakar*, lembrar, aparece freqüentemente paralelo com os verbos de ação.

A força de vontade e o querer não são características independentes da razão, mas elas fazem parte de cada pessoa. Assim, o coração não é parte de uma pessoa, mas faz parte do todo quando funciona como poder operativo. A imagem penetra o coração e influencia a vontade. Pensamento que não se transforma em ação nada significa para o ser humano. É como um ensino teórico, e todo pensamento que não é transformado em ação é inútil para a vida.

Esta insistente referência à relação do ato



lítica dos reis. O resultado dessa pesquisa é a editoração da Obra Historiográfica Deuteronomista que inclui os livros Josué, Juízes, os livros de Samuel e de Reis. Assim, a memória e o conhecimento intelectual do passado alimentaram o povo abatido pelo exílio e deu-lhes fé no Deus que liberta e salva.

Desta forma, o povo abatido

Israel, Pedersen ofereceu uma compreensiva contribuição para a pesquisa bíblica. Até então, pouco se falava na importância da memória na cultura israelita (Brevard S. Childs, *Memory and Tradition in Israel*, Naperville: Alec R. Allenson, Inc, 1962).

A contribuição de Pedersen desencadeou uma série de importantes

*Grata
Memória*

de *lembra*r dos grandes feitos de Deus em favor do povo, seja nas poesias do culto, seja nas formulações jurídicas ou nos relatos históricos, nos chama atenção para outro aspecto presente de forma latente em cada relato. É que atrás de cada declaração ou expressão de fé está um ser humano que tem razão e sentimento.

A relação do *coração*, *leb*, com a *memória*, no texto bíblico, é sugestiva. Não são poucas vezes que encontramos a formulação *pôr no coração*. Entre tantos textos, eis as palavras do profeta Isaías: ... *Estas coisas não puseste no teu coração, nem te lembaste do seu fim* (Is 47,7).

Segundo Pedersen, a expressão *pôr no coração* reflete uma relação do ato de *lembra*r com a psicologia do pensamento. Isto é muito interessante e rico para a teologia, pois os textos bíblicos não têm origem nos confortáveis escritórios. Eles nasceram em meio às dores e sofrimentos, nas famílias, para servirem, com freqüência, no ânimo e encorajamento do povo, no Templo. Portanto, não só os hinos e os ditados populares, mas também todas as narrativas foram escritas

e transmitidas no contexto do sonho pela libertação. Assim, é perfeitamente possível que quando um escritor bíblico colocou o seu coração na formulação de um texto – seja narrativa, lei, hino ou ditado – ele acionou a sua fé na esperança na ação divina em seu favor.

Aqui, vale a pena mencionar que no, AT, *coração*, *leb*, é o termo mais importante para a lingüística da antropologia. Como já foi dito anteriormente, o *coração* é o centro da atividade intelectual, embora ele também realize a função da sensibilidade. Na cultura hebraica, o relacionamento de uma pessoa a um projeto só pode ser feito através do *coração*. Isto garante ao projeto a presença da razão e da sensibilidade, incluindo o amor, a bondade, compaixão etc.

Por fim...

Entendo que é sempre oportuno e urgente abordar o tema da *memória*. Fazemos parte de geração bastante materializada e apegada ao texto escrito. Esquecemos que o texto bíblico não deve ser lido como uma lei romana. O texto bíblico não nas-

ceu nos fechados escritórios, mas da experiência de pessoas convictas da participação de Deus na história, num tempo que não havia as facilidades para registrar os fatos. A memória foi o livro que o povo levou para o exílio na Babilônia. A urgência dessa discussão está em função do modo diferenciado que o povo bíblico abordava este assunto.

1. O povo bíblico tratou deste tema com muito respeito e intensidade. O ato de *lembra*r a história e as suas figuras do passado representa a esperança da reconstrução, mas o esquecer é a ameaça da destruição do povo. Não se trata, simplesmente, de valorizar o esforço de lembrar e preservar o passado, seus monumentos e as suas instituições. É muito mais do que isso.
2. É sabido que os povos vizinhos a Israel – os povos da Mesopotâmia, o Egito, Grécia e Ásia Menor – deixaram uma rica abundância de informações históricas. Todavia, a arqueologia não tem mostrado que Israel deixou a mesma riqueza
3. As duas constatações acima não se chocam, e são afirmações perfeitamente corretas. A importância de *lembra*r está no âmbito da *palavra memorizada* e, posteriormente, escrita. A relação *memória* e *palavra* é fundamental para a esperança de renovação e reconstrução da nação. Por isso é perfeitamente adequado pensar que o povo bíblico orava com esta expressão: *Fala memória!*
4. Por fim, é importante destacar que o povo bíblico quando pensava no futuro não esquecia a sua rica experiência de seu passado. Pelo contrário, é sempre foi fonte de vida em meio aos desafios da vida.
5. Jesus foi fiel à esta tradição. O seu apelo, *faze isto em memória de mim* (1Co 11,24), é um desafio para que a Igreja não esqueça as suas palavras e sinais.

Tércio Machado Siqueira é pastor metodista, doutor em Ciências da Religião (Bíblia) e professor da FaTeo.

*Grata
Memória*

Memorizar, lembrar e recordar: tarefa da Igreja

Helmut Renders

Recebi a tarefa de escrever sobre “a importância da memória na teologia”. Proponho uma pequena modificação. Gostaria de descrever a teologia como uma caminhada onde se memoriza, se lembra e se recorda. Sem a última, a teologia seria abstrata e potencialmente irrelevante, sem a primeira cega e praticamente condenada a repetir até os erros do passado.

Escreri, para vos trazer isto de novo à memória
Rm 15. 15

Memorizar

Memorizar significa guardar algo para que esteja disponível quando precisamos. Todos conhecemos o sufoco quando se precisa de uma informação sem ter acesso a ela. Quando a memória nos deixa a sós, ficamos perdidos. A memória é como uma mala da viagem (Alexander Soljenitsin). Sem esta mala cheia não se vai muito longe.

Hoje em dia, valorizamos diferentes tipos de memória. Além das palavras, interpretamos espaços, símbolos e imagens. Eventualmente, por meio de filmes, entendemos movimentos, ritos e

gestos como memórias. Mas, também reservamos roupas, móveis, instrumentos, comidas, músicas etc. para nos dar significados e significações.

O Centro de Memória, recentemente inaugurado pela FaTeo, guardará uma parte dessa memória da Igreja Metodista. E não somente guarda, mas, facilita o acesso, pela catalogação de todo acervo. Sem isso, o acesso à memória seria muito mais difícil, no mínimo dentro de um prazo aceitável.

Algumas memórias possam ser arquivadas e, certamente, não todas possam ser memorizadas. Mesmo assim, o/a estudante de teologia precisa ainda aprender a memorizar. Ele não precisa saber tudo, mas, precisa conhecer as referências básicas. Até hoje não se aprende uma língua sem memorizar o vocabulário e a gramática para usá-lo. Também não se aprende a pastorear sem conhecimentos doutrinários e na prática pastoral.

O desafio é saber o que uma pessoa precisa memorizar mesmo. Quem aplica como regra a utilidade momentânea ou contemporânea

de um saber dificilmente será capaz de entender e enfrentar novos desafios, simplesmente, porque a sua base de memória seria estreita demais. Precisa-se saber memorizar fontes, os fatos e interpretações e experiências com elas. Assim construímos um fundo de emergência da memória. Esta riqueza, graças a Deus, sempre estará diante da Igreja enquanto ela olha para a Bíblia.

Eu vos louvo porque, em tudo, vos lembrais de mim e retendes as tradições assim como vo-las entreguei.
1 Co 11.2

Lembrar

Lembrar quer dizer trazer aquilo da memória para a nossa vida e o nosso tempo. No inglês usa-se a palavra “remember”. “Member” significa “membro”. Lembrar de algo ou alguém faz que esteja novamente ou pela primeira vez parte da família. No alemão fala-se do “erinnern”. Aqui a ideia é que a lembrança é o processo que transporta algo exterior a nós para dentro de nós ou ao nosso interior.

Lembrar relaciona o passado com o presente.

É um processo delicado que sempre transforma também um pouco o conteúdo da memória. Por causa disso usa-se na teologia métodos para minimizar este desafio. Isso é em grande parte a tarefa das ferramentas chamadas científicas na teologia: que nossos olhar, ler e ouvir não sejam tão facilmente dominados pela nossa subjetividade.

Mesmo assim é importante nos darmos conta de que o nosso lembrar sempre parte de interesses específicos. Quando nós estudamos o passado, procuramos um interlocutor para defender ou criticar algo que fazemos, em que participamos ou o que pretendemos fazer. Por causa disso se lembra melhor em conjunto. Em comunhão percebe-se mais rapidamente, quando as nossas “lembraças” são mais invenções do que o resgate da memória. Parte dessa lembrança em comunhão é a consulta da tradição e das suas interpretações e das suas razões para aquelas.

Segundo os versículos da Epístola aos Coríntios, o nosso lembrar deve se esforçar de procurar entender o sentido original das experiências do passa-



do. Somente assim garantimos que o passado possa falar na sua diversidade e riqueza para nós. Era na base dessa diversidade que o evangelho conseguiu avançar além de todas as barreiras culturais, étnicas e sociais. Quando sabemos nos lembrar e integrar com o nosso rico passado, estamos preparados para as surpresas do cotidiano.

Tenho-vos mostrado que é mister socorrer os necessitados e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus.

At 20.35

Recordar

Recordar é lembrar ou trazer algo para a própria memória de uma forma específica: “de coração” [“cor” = latim para coração]. Na descrição do ser humano relaciona-se na Bíblia o coração com o querer, o se emocionar, o se envolver e o direcionar os seus passos. Biologicamente falando, precisamos admitir – isso é um tanto estranho. Sabemos hoje que o lugar de tudo isso é o cérebro, localizado na cabeça, e não o coração.

Isso mostra a força e importância da memória simbólica: mesmo que algo racionalmente não faz sentido, ele pode ainda carregar um profundo significado simbólico e

conecta-nos com as raízes da vida. Assim entendemos melhor frases como esta: o batismo é um sinal visível de uma graça invisível. A teologia tenta de falar de uma forma lógica e compreensível daquilo que na religião se preservou muitas vezes mais em símbolos, ritos e gestos. O mistério de Deus está além do entendimento, porém, não contra: senão seria incomunicável.

Este discurso de Deus é caracterizado pela paixão de Deus para com o mundo e todas as criaturas. Diria: Deus tem um coração grande. Esta paixão se manifesta na promoção da justiça e da paz. Ela pode ser até percebida por pessoas que somente unem informações sobre Deus. Entretanto, esta coleta de dados normalmente não faz ninguém amar Deus nem seguir Jesus, o

dar seja impossível sem se lembrar e memorizar, recordar acresce um aspecto vital a lembrança da memória: o comprometimento pessoal com a memória resgatada.

Memorizar, lembrar e recordar é preciso

O povo de Deus precisa ensinar comunidades e pessoas a memorizar, lembrar e recordar. É contínua tarefa da igreja preservar a memória da fé para gerações futuras, ensinar interpretar esta memória e motivar a se comprometer com ela para responder os desafios do cotidiano. Independentemente das modas do cotidiano, ele deve entregar sempre para as próximas gerações a memória herdada na sua totalidade, para que elas consigam se lembrar e se comprometer quando precisar. Por causa disso a memória precisa ser feita de forma sistemática e, neste sentido, também um pouco “independente” das ênfases do cotidiano. Dessa forma ela servia também para discernir espíritos e ler os sinais. Senão, seguiriam somente modas...

Helmut Renders é pastor metodista, doutor em Ciências da Religião e professor da FaTeo.



Retornamos para o símbolo do coração, tão querido na cultura cristã brasileira. Para que uma memória seja vivificante, transformadora e renovadora ela precisa não somente ser acolhida por nós como informação, mas, integrada em nossa existência. Na sua essência a tarefa da teologia é fazer ouvir o discurso de Deus na história e na criação.

Cristo, no cotidiano. Para chegar lá, a teologia traz a memória do próprio Jesus de tal modo que se não somente se lembra, mas, recorda as suas palavras, se apropria delas mesmo, ou seja, se apropria delas de todo coração.

Não é que o entendimento seja desnecessário e descartável. Mas, saber não faz necessariamente

caminhar. Mesmo que recor-

*Grata
Memória*

Ano 18, nº 47, junho/dezembro de 2010

“Quero trazer à memória...”

Bispo João Carlos Lopes

Em nome do Colégio Episcopal, quero parabenizar a Universidade Metodista de São Paulo, a Faculdade de Teologia e o Bispo Paulo Ayres que, num projeto sério e um cronograma impecável, tornaram possível a organização e a inauguração do Centro de Memória Metodista exatamente nessa data em que comemoramos 80 anos de autonomia da Igreja Metodista brasileira. Que excelente maneira de comemorarmos essa importante data na história do Metodismo!

Alguns dias atrás, caminhando com minha esposa, vi um computador jogado numa caçamba de lixo. Comentei que, há 20 anos, quando estávamos nos Estados Unidos, vi a mesma cena e fiquei indignado. Agora isto estava acontecendo no Brasil! De fato, vivemos numa era de descartáveis. E em um tempo como esse, no qual se descarta tudo, corremos o risco de descartar inclusive a nossa história.

Lembrei-me que passei toda a minha infância e adolescência vendo um “cabo de reio”. Um peda-

ço de madeira, amarrado a um pedaço de couro. Era um objeto que meu pai ganhou do meu avô que, por sua vez, provavelmente houvesse ganhado do meu bisavô. Lembrei-me também que tenho um relógio que ganhei de meu pai. Guardo com carinho. Traz boas lembranças; faz-me pensar no que é realmente importante na vida. Não me prende ao passado, mas renova em mim o senso de pertença; de família; de continuidade histórica; de comunidade.

Tem a ver com o que o profeta disse no livro de Lamentações: “quero trazer à memória o que me pode dar esperança” (3.21).

É verdade que Deus, através da igreja, e mesmo apesar da igreja, está fazendo coisas novas na terra. Mas o Deus que faz coisas novas é também o Deus que fez! É o Deus dos antigos: o Deus de Abraão, de Isaque, de Jacó, de Lutero e de John Wesley.

Esse Deus que não deseja que eu fique preso ao passado como

se no passado residisse a melhor parte da minha existência, é o mesmo Deus que inspirou o seu servo Josué a retirar doze pedras do meio do Jordão e levantar com elas uma coluna em Gilgal para que os filhos de Israel, no futuro pudesse ver aquela coluna e perguntar: “Que

museu? Seja qual for o conteúdo específico; seja qual for o detalhe da nossa resposta, que as futuras gerações de metodistas, de protestantes, do povo de Deus, possam reconhecer que “a mão do Senhor é forte” e que temam ao Senhor. Sim! Que temam o Senhor que é também



Bispo João Carlos Lopes fala na cerimônia de inauguração do CMM

significam essas pedras”? E com a resposta eles ficasse sabendo que “a mão do Senhor é forte, a fim de que temessem ao Senhor todos os dias”.

O que significa esse Centro de Memória Histórica? O que significa esse arquivo? O que significam as peças desse

o Senhor da história e que, em Jesus Cristo, falou num momento muito especial: “Fazei isso, em memória de mim”.

Bispo João Carlos Lopes é bispo presidente da 6ª Região Eclesiástica da Igreja Metodista (PR/SC) e presidente do Colégio Episcopal da Igreja Metodista. Texto do discurso proferido na cerimônia de inauguração do Centro de Memória Metodista em 2 de setembro de 2010.

Grata
Memória

Por que um Centro de Memória Metodista?

Rui de Souza Josgrilberg

Neste ano, a Biblioteca de São Paulo realiza o ciclo “A memória do futuro”. Trata-se de palestras sobre o futuro das bibliotecas do país. Muitas vezes, o estado de prédios e acervos é lamentável e, assim, o ciclo vem em bom momento. A “memória do futuro” garante às gerações futuras acesso ao passado. Nesse passado, elas podem se espelhar, descobrir que tipo de caminho outras gerações já tentaram e se inspirar para as decisões a serem tomadas por elas.

Nos centros da memória do nosso país, as experiências e contribuições das igrejas protestantes e evangélicas não são uma prioridade. Os respectivos acervos nem sequer estão em um estado lamentável: nunca existiram. Pela importância do protestantismo na sociedade brasileira e pelo seu impacto nas vidas de muitas pessoas, esta ausência ou omissão é deplorável. Sem acesso ao nosso próprio passado, pensamos, sentimos e projetamos nossas igrejas na base da experiência de, no máximo, três gerações. Assim, o passado mais distante a que temos acesso é a memória viva dos

país, sendo este um prazo relativamente curto para entender os desenvolvimentos contemporâneos que, em geral, iniciaram em épocas bem mais distantes. Como resultado, falhamos em fazer conexões entre eventos e decisões do passado com

uma árvore: seu equilíbrio é diretamente relacionado com as suas raízes. São as suas raízes que permitem que ela fique em movimento e não caia com uma tempestade, mesmo que fiquem escondidas aos nossos olhos. Assim também a Igreja Cristã. A

menos imóvel. Mas, logo, percebe-se que ela corre o risco de parecer um arbusto que qualquer vento pode levar para onde quiser, empurrando-a por tempo e espaço, sem conhecimento do passado e com um futuro incerto e nebuloso. É muito difícil escolher caminhos e direcionar seus passos sem referências, sem espelho, sem experiência acumulada, sem avisos ao longo do caminho, somente na base do momento, do impacto de sensações e apelos contemporâneos.

O futuro conquista quem sabe reler o passado

Revisando a nossa história mais recente, no decorrer dos 80 anos da Igreja Metodista como igreja autônoma, houve muitas mudanças. A própria época da autonomia era um tempo de efervescência de idéias e desafios. Passamos os períodos do Estado Novo, da ditadura militar e do processo de redemocratização, de um país com taxa de mais de 60% de analfabetismo para um índice de menos de 15%; de três para mais de 100 universidades; de uma sociedade rural para uma sociedade urbana; da economia agrária e



CENTRO DE MEMÓRIA METODISTA

acontecimentos e movimentos do presente e, logo, criamos a sensação que o mundo não faz sentido, uma vez que as raízes das ocorrências não se revelam mais a nós.

Talvez, o fato de falarmos tanto hoje da necessidade de sermos equilibrados é decorrente da falta que sentimos da memória. Usando a imagem de

sua memória representa uma raiz forte e nutritiva que permite que ela continue crescendo, conquistando tempo e espaço, assumindo seu lugar no mundo e entre as criaturas, oferecendo alimento e segurança. Uma igreja sem raízes parece, num primeiro olhar, talvez até mais

flexível, menos presa em questões formais,

Grata
Memória

Ano 18, nº 47, junho/dezembro de 2010

industrial à economia de serviço. Todas estas épocas eram também tempos da releitura de memórias, mais especificamente, dos textos bíblicos e das experiências eclesiásticas. A Igreja, não sempre, mas, às vezes, andava na frente ou na altura das mudanças para o melhor. Nos seus melhores momentos, as suas dinâmicas de renovações se sustentaram em profundas releituras das próprias bases, bíblicas e históricas. Justamente destes estudos nasceram as novas propostas, com a capacidade de se ajustar às mudanças em processo sem perder-se na dinâmica dos tempos.

Não é por acaso que a fé cristã é basicamente uma fé que cultiva a memória e sabe transmiti-la fielmente de geração em geração o essencial da história de Deus com o seu povo. Todas as grandes reformas da Igreja eram épocas da releitura da Bíblia e da revisitação da história.

A salvação da memória pela Faculdade de Teologia

Não é só de agora que a Faculdade de Teologia valoriza a memória. Ao lado do seu esforço mais recente, a criação do Centro da Memória Metodista, houve um conjunto de diversas iniciativas: o tombamento das casas dos/as professores/as e

do prédio Alfa, a inauguração da nova biblioteca, a recuperação e reinstalação de uma sala da antiga Chácara Flora no prédio Gama, o Cenáculo como lugar de oração, sendo ele uma réplica de uma antiga igreja da Síria, no prédio Ómega, e os seus diversos painéis históricos. Trata-se de uma aproximação e apresentação múltipla à memória.

Já o Centro de Memória dá acesso à história contada pelas próprias pessoas da época e nos fornecerá acesso a um nível mais íntimo dos verdadeiros agentes, liberando-os novamente do anonimato. Com isso, o Centro fecha uma lacuna importante para a nossa compreensão dos processos históricos e da presença de Deus na história por meio de sua instituições de Educação e da Igreja. O Centro de Memória Metodista abriga acervo histórico da Igreja Metodista, da Faculdade de Teologia, do Instituto Metodista de Ensino Superior e da Universidade Metodista de São Paulo, da Imprensa Metodista, da antiga Sede Geral da Igreja Metodista, do Centro Áudio Visual Evangélico (CAVE), e o acervo bibliográfico de livros raros da Reforma Protestante, do movimento metodista na Inglaterra, entre outros.

O futuro da memória da Igreja Metodista

Com as novas tecnologias abrem-se para nós novas possibilidades. Podemos hoje incluir no processo da lembrança e releitura do passado pessoas que até bem recentemente dificilmente tinham acesso a estas informações, experiências e saberes. O novo Centro usará estas novas possibilidades para garantir um rápido acesso ao seu acervo de textos, fotos e até objetos.

O futuro da nossa memória trará muito mais, para muito mais pessoas, em um tempo significativamente mais curto e tudo isso até mesmo à distância, sem necessidade de passar pelo local. Trata-se de uma democratização da memória nunca vista antes e, quanto à igreja, uma chance de envolvimento de pessoas simplesmente por interesse.

Parte deste processo é a digitalização de jornais, revistas e livros, fotos e documentos. Com a crescente acessibilidade,aremos também capazes de fazer buscas mais rápidas, e um processamento mais veloz de dados favorecerá pesquisas mais complexas, simplesmente pela maior facilidade de cruzar dados. Este acesso à complexi-

dade do passado fornecerá pistas para a complexi-

dade do presente pois temos o lugar, a capacidade e a vontade, em colaboração com a Universidade Metodista de São Paulo, de avançar de uma forma qualitativa e, no mesmo momento, quantitativa. Assim, o futuro da memória será garantido.

Uma memória viva de vidas memoráveis

Além disso, esperamos que o futuro da memória seja expresso numa igreja viva, autoconsciente e autocritica, em tudo compromissada com o Reino de Deus, as pessoas e todas as criaturas deste planeta. Não queremos somente preservar uma memória, mas, transformá-la em vidas memoráveis. Em fé, amor e esperança. Em fé ativa em amor. Em amor que não teme a verdade e uma verdade não isolada do amor e da justiça.

Certamente é esse o alvo mais nobre de um Centro de Memória: preservar o memorável, aprender com os erros e motivar as pessoas a assumirem uma vida que poderia ser considerada memorável ou digna de ser lembrada. Em que ou quem vamos nos lembrar daqui a 50 anos e por quê? Com a abertura do Centro da Memória indicamos uma direção ou um caminho.

Rui de Souza Josgrilberg é pastor metodista e reitor da FaTeo



A necessidade da institucionalização da gestão documental do metodismo brasileiro

Paulo Ayres Mattos

A institucionalização da gestão documental do metodismo brasileiro encontra-se quase que completamente desestruturada, constituindo-se de um acervo em grande parte inacessível para o resgate seguro e preciso da história desse ramo evangélico presente no Brasil desde 1835. Poucas iniciativas com o objetivo de garantir tal institucionalização têm acontecido ao longo de nossa história. Assim experiências como a d'O Granbery em Juiz de Fora e do Instituto Educacional Piracicabano com o antigo Centro de Estudos e Pesquisas sobre Metodismo e Educação (CEPEME, atual NEPEME) e o Centro Cultural Martha Watts são iniciativas ainda institucionalmente frágeis e em grande parte sem qualquer articulação que promova e incentive o desenvolvimento do conhecimento documental do metodismo brasileiro em escala nacional. Estamos diante da necessidade de constituir bases sólidas de informação documental,

uma imposição do mundo contemporâneo, sob pena de comprometer a preservação da memória do metodismo e do protestantismo em geral no Brasil.

Uma das propostas para superar tal dificuldade atualmente em desenvolvimento foi a criação de um Centro de Memória Metodista na Faculdade de Teologia da UMESP. Surgido com o objetivo de estruturar uma base informativa pretende dar suporte ao metodismo brasileiro como instrumento e insumo de decisão, e apoio à pesquisa voltada para organizar, preservar e difundir fontes históricas originais.

A preservação dos documentos históricos do metodismo brasileiro colocados pelo Colégio Episcopal da Igreja Metodista sob a guarda da Faculdade de Teologia da UMESP, é uma prática de grande importância, não apenas do ponto de vista da própria preservação dos registros da história do metodismo em di-

ferentes regiões do país, mas como instrumento para viabilizar pesquisas e estudos sobre próprio metodismo em particular e por extensão do protestantismo brasileiro. Neste sentido, pesquisadores e estudiosos poderão ter acesso a fontes primárias que historiam os processos religiosos, educacionais e filantrópicos desenvolvidos pelo metodismo no Brasil e utilizar tal documentação em seus trabalhos acadêmicos. O acervo documental organizado servirá para recuperar informações sobre o metodismo em suas diferentes expressões nas distintas regiões do nosso país, funcionando ainda como fonte primária de pesquisa para futuras monografias, dissertações e teses de pesquisadores inclusive na área da história do protestantismo brasileiro.

Origens e proposta

A proposta da criação de um Centro de Memória Metodista da Fateo/UMESP surgiu em 2006

quando a direção da Faculdade resolveu dar início ao processo de organização documental de todo material recolhido da antiga Sede Geral da Igreja Metodista localizada na Chácara Flora em Santo Amaro, na cidade de São Paulo, com o objetivo de organizar o acervo documental existente, inclusive de forma a qualificar a informação arquivística em informação digital, disponível em rede, e integrá-la aos sistemas já residentes na UMESP o que resultará em conexões e relações entre a memória histórica do metodismo brasileiro e as redes de informação disponibilizadas nos diversos espaços digitais dedicados ao campo religioso em geral.

O perfil pretendido para o Centro de Memória Metodista está fundamentado notadamente na preservação e difusão da memória institucional e organizacional do metodismo brasileiro. No entanto, a proposta não objetiva a simples consolidação de um arquivo histórico. Trata-se de lançar as bases



Ano 18, nº 47, junho/dezembro de 2010

estruturais e operacionais para o desenvolvimento de um Centro de Referência na área da história do protestantismo brasileiro, criando a possibilidade, a partir do modo como disponibiliza a informação, para estudos e pesquisas inter e transdisciplinares.

O Centro de Memória Metodista visa prover os meios adequados ao armazenamento, preservação, conservação, recuperação, digitalização, divulgação e utilização de utensílios e equipamentos em desuso, fontes impressas, audiovisuais e magnéticas, localizando, coletando, reunindo, organizando e conservando documentos, publicações, utensílios, equipamentos e outras fontes para o estudo da história do metodismo brasileiro.

O Centro de Memória Metodista pretende elaborar instrumentos de pesquisa para o trabalho heurístico, além de promover eventos de caráter científico e cultural. Dentro suas atribuições constam ainda a publicação de fontes e resultados de pesquisas na área de História do Protestantismo no Brasil, o salvamento e reprodução de acervos públicos e privados e a

realização de projetos de pesquisa sobre a história religiosa brasileira.

Por outro lado, dada a amplitude do acervo, compreendemos que duas tarefas deverão ser desenvolvidas pelo Centro de Memória Metodista. A primeira visa responder à preocupação com a

à tomada de decisão no cotidiano da instituição metodista UMESP e sua Faculdade de Teologia, além de oferecer subsídios para a consecução de seu planejamento estratégico.

O desenvolvimento

Na organização do acervo documental do

do metodismo brasileiro existente que, segundo a natureza de seus conteúdos - sem que isto esgote o universo documental encontrado em arquivos históricos.

Sua estrutura compreende os seguintes serviços: Museu Histórico Guaracy Silveira; Arquivo Histórico; Setor de Digitalização Documental; Setor de Reserva Técnica.

O CMM funcionará como órgão de recolhimento, tratamento, preservação, conservação, digitalização e armazenamento de acervos documentais produzidos pelo metodismo brasileiro que lhe forem confiados, e terá sob sua guarda acervos audiovisuais, bibliográficos, fotográficos, gráficos, magnéticos, museológicos, textuais e de depoimentos orais, devendo ainda:

O CMM encontra-se sediado no Edifício Alfa do Campus de Rudge Ramos da UMESP, desenvolvendo suas atividades nos seguintes espaços: área de recepção do usuário, áreas de exposição permanente do Museu Histórico Guaracy Silveira, área de consulta do usuário, área administrativa, área de armazenamento do Arquivo Histórico (bibliográfico,



questão da produção historiográfica no campo do estudo do protestantismo brasileiro, com a salvaguarda e preservação de fontes históricas do metodismo e do protestantismo em geral no país, e, a segunda, orientada para a documentação institucional, provê suporte

Centro de Memória Metodista se está buscando observar a metodologia clássica da organização de arquivos, embasada num levantamento da história do metodismo brasileiro, o que auxiliará na definição das séries documentais.

Procura-se identificar a tipologia documental

*Grata
Memória*

fotográfico, audiovisual, magnético, iconográfico e oral), área de digitalização documental e área de reserva técnica. A médio prazo um pequeno auditório deverá estar à disposição para encontros em geral.

Depois de se ter realizado nos últimos três anos a identificação do material documental sob a guarda da Fateo e seu armazenamento em caixas-arquivo em estantes deslizantes, estamos desenvolvendo no presente a organização do material já acondicionado nas salas do andar térreo do Edifício Alfa, de modo a que o material possa continuar a ser acessado como se tem feito até agora, enquanto se procede a estudos da tipologia documental para se constituir um novo sistema de classificação da documentação e se poder passar à sua reorganização segundo critérios e procedimentos arquivísticos.

Para tanto estamos em negociação com uma empresa especializada para a implantação de um programa para controle de acervo arquivístico que possibilitará a inserção de todo o material identificado numa base de dados digitalizados.

Deverá ainda ser elaborado um guia geral do Centro de Memória, feito a partir da base de dados. Depois de organizado o acervo documental, tendo-se já algo a oferecer a pesquisadores e demais interessados na história do metodismo brasileiro, se passará finalmente à fase de formulação de uma política documental do Centro de Memória Metodista no contexto mais amplo da Igreja Metodista e da UMESP.

e guarda, providenciar o adequado armazenamento e organização em suas várias fases e, depois que recolhido a um arquivo permanente, classificar e descrever a documentação, disseminando sua existência e importância, e por fim agregar valor às informações fornecidas aos usuários.

Neste sentido, pretende-se constituir uma equipe de informação que busque e estimule ativamente a criação de fontes e canais

agregando-lhe valor.

Finalmente, é preciso lembrar que a Igreja Metodista não dispõe ainda de uma política geral de arquivos e museus encarregados da guarda e preservação do acervo documental dos diversos órgãos e instituições metodistas no Brasil. Dessa forma, o que apresentamos a seguir deve ser entendido não apenas como resultado de um esforço para organizar os documentos produzidos pela Faculdade de Teologia ou recebidos de diferentes órgãos e instituições metodistas trabalhando no Brasil, mas como um projeto-piloto a ser avaliado e aperfeiçoado no decorrer do processo de instalação e funcionamento do próprio Centro de Memória Metodista a serviço do povo metodista brasileiro e de todas as suas instituições sociais e educacionais.

Paulo Ayres Mattos é bispo emérito metodista, professor da FaTeo e Coordenador do Centro de Memória Metodista. A formulação programática do Centro de Memória Metodista exposta na primeira seção desta apresentação em parte baseia-se no trabalho de Antonietta d'Aguiar Nunes, “Institucionalização da gestão documental da FACED/UFBA: relato de um trabalho em andamento”, disponível no site http://www.cinform.ufba.br/v_anais/artigos/antoniettaguiar.html



A tarefa a ser desenvolvida não se trata somente de adequadamente conservar, descrever, disseminar e sempre que necessário recuperar a informação contida nos documentos, pois é necessário acompanhar o documento desde a sua criação, estabelecer tabelas de temporalidade para seu uso

de informação e elabore programas para usuários que ainda não sabem que necessitam de determinada informação. Com isto poderemos proporcionar serviços inovadores aos nossos usuários, antes mesmo que eles peçam. E ainda responder com rapidez aos usuários que solicitem a informação,

*Grata
Memória*

Grata Memória do Edifício Alfa

Otoniel Luciano Ribeiro

O Edifício Alfa foi o primeiro a ser construído para servir a Faculdade de Teologia em São Bernardo do Campo, origem também da Universidade Metodista de São Paulo. Alfa é a primeira letra do alfabeto grego, língua cara ao Cristianismo com a qual foi escrito o Novo Testamento da Bíblia. A letra simboliza um começo que já deu muitos frutos. É um espaço rico de história e memória. Tombado pelo Patrimônio Histórico de São Bernardo do Campo e do Estado de São Paulo, como primeiro edifício de educação superior do município e da região do ABC Paulista, não foi por acaso que foi escolhido para abrigar o Centro de Memória Metodista. Vamos conhecer neste artigo a história deste espaço marcante para a Faculdade, para a Universidade, para a cidade de São Bernardo do Campo e o Estado de São Paulo e para a Igreja Metodista.

A origem: a decisão por uma só Faculdade (1938)

Em 1938, o III Concílio Geral da Igreja Metodista (Juiz de Fora, 28 de fevereiro) aprovou a unificação das duas ins-

tituições teológicas existentes na igreja, decidindo que haveria uma única Faculdade de Teologia, com sede em São Paulo. Muitos foram os debates. O Bispo César Dacorso Filho, que presidia o Concílio, assim se pronunciou: “Minha opinião é que haja uma só Faculdade de Teologia, independente de qualquer colégio, sob a direção de um conselho superior (...). Creio que tal modo de preparação ministerial será mais variada, mais profunda, enquanto mais econômica, mais fortalecedora da coesão da Igreja, desfazendo regionalismos inconvenientes por desagregantes, mais uniformizadora de nossas atividades e mais entrelaçadora dos próprios ministros” (Cf. Atas).

A unificação foi prontamente implantada. Durante o ano de 1939, a faculdade resultante do processo unificador funcionou em Juiz de Fora nas mesmas instalações em que a anterior e, no final do ano, se mudou para a capital paulista. No período de 1940 a junho de 1942, instalou-se em Vila Mariana, numa residência alugada, à Rua Cubatão nº 948.

Grata
Memória

Ano 18, nº 47, junho/dezembro de 2010



Propriedade Adquirida no Bairro dos Meninos – SBC/SP (1940)

Recursos foram buscados para a compra de uma área suficientemente grande. A comissão responsável localizou um excelente terreno nos “Meninos” (o que, posteriormente, seria o Bairro de Rudge Ramos), na cidade de São Bernardo do Campo.



Santo Luiz Lavitola

Entendeu-se que este município, parte da metrópole paulista, também correspondia à centralidade geográfica desejada em relação ao país, como local pretendido para a fundação da nova Faculdade. Tratava-se de uma área de 67.924 m², situada entre as duas estradas que ligavam a capital ao litoral. De um

lado, a Avenida Caminho do Mar; do outro, a Via Anchieta, que estava em fase de construção. A propriedade foi adquirida do Laboratório Paulista de Biologia S/A, em 28 de setembro de 1940. No ano de 1941, o engenheiro Santo Luiz Lavitola projetou e acompanhou a construção do Edifício Alfa.

Em 1941 iniciaram-se as primeiras obras. O lançamento da pedra fundamental contou com a presença do Superintendente Distrital na época Rev. Luiz Gonzaga de Macedo e de muitos fiéis.



Lançamento da Pedra Fundamental (1941)

Ampliação e marco

No final de junho de 1942, em função da necessidade de mais espaço, iniciou-se a segunda fase

da construção do Edifício Alfa que, em parte, já estava sendo ocupado com salas de aula, refeitório, capela e dormitórios para es-



Edifício Alfa (1942) – Construção da 2ª parte



Um espaço de convivência e estudos que ainda recorda as marcas do passado: dormitórios, refeitório, sala de aula e capela



Professores da Faculdade de Teologia: Rev. Guerra e Rev. Moore, pioneiros da criação da nova Faculdade. Caminhos estreitos, mas a caminhada era de muita fé e convicção.



Início da construção da Via Anchieta

tudantes. No decorrer dos anos, a região começa a se desenvolver com a construção da Via Anchieta. O primeiro hasteamento da Bandeira Nacional na

nova sede da Faculdade de Teologia aconteceu em 7 de setembro de 1943 e contou com a participação das Igrejas Metodistas da região.



Cerimônia: 7 de Setembro de 1943 - Civismo e emoção tomam conta dos participantes



A localização da Faculdade de Teologia, é um marco de pioneirismo da região, cortada por estradas que ligam São Paulo a Santos.

*Grata
Memória*

Ano 18, nº 47, junho/dezembro de 2010



Depois do Alfa, com o crescimento da Faculdade de Teologia, vieram os edifícios Beta, Gama, e com o desenvolvimento da Universidade, o Delta... Enfim, o alfabeto grego foi se formando à medida em que novos cursos e novos estudantes passavam a fazer parte dessa história.

Em meio aos tantos espaços que hoje abrigam os cursos da Universidade, encontra-se imponente o Edifício Alfa, marco da raiz da Universidade, tombado como Patrimônio Histórico pelo Município e pelo Estado. Segundo

consta do processo de tombamento (lei 2927, de 09 de setembro de 1987), o atual edifício Alfa foi o primeiro a ser construído no município com a finalidade de atender a um curso superior. Mais ainda, o Alfa permanece como patrimônio histórico da Universidade e da Igrejas Metodistas. Ao ser transformado em um Centro de Memória, lugar de visitação, estudo, pesquisa, é como uma homenagem à importante história ali vivida, e a todas as pessoas que de-



ram a vida a suas paredes, janelas, portas e pisos.

Otoniel Luciano Ribeiro é pastor metodista, mestre em Administração e Diretor Administrativo da FaTeo. Fotos: Arquivo FaTeo



Ano 18, nº 47, junho/dezembro de 2010

Guaracy Silveira: uma visão ampliada do Reino de Deus

Cílias Ferraz

OMuseu que faz parte do Centro de Memória Metodista leva o nome “Guaracy Silveira”. Por que este nome em um Museu?

Família, educação e fé

Guaracy Silveira nasceu na fazenda Engenho Velho município de Franca, Estado de São Paulo, no dia 27 de setembro de 1893, sendo registrado em Ribeirão Preto. Ele era filho do Capitão da Guarda Nacional e cafeicultor Zeferino Carlos da Silveira e D. Ana Silvéria de Sousa Silveira. Em 1898 veio a derrocada do café e a miséria. Diz ele que “na queda brusca do café, quando a arroba caiu a três mil réis, perdeu tudo, ficando irremediavelmente na miséria, com oito filhos menores, a maior com dezessete anos e a menor com três” (SILVEIRA, G. Biografia: dados pessoais do pai e da mãe de Guaracy Silveira. S. Paulo: 13 abr. 1952).

Guaracy começou a trabalhar em Ribeirão Preto com a idade de 13 anos. Ele foi para o Seminário Salesiano em Lorena em fevereiro de 1909. Nos anos de 1912 a 1914

lecionou em Colégios Católicos nas cidades de Campinas, Batatais e Brotas. Em 1915 abandonou o Seminário Salesiano e mudou-se para a cidade de Ribeirão Preto onde conheceu o Metodismo e fez sua profissão de fé no dia 14 de março de 1915. Única igreja protestante organizada naquela cidade àquela época, a dedicação das missionárias e a morte do pastor Bento Braga dedicado ao cuidado aos enfermos durante a febre que abalou a cidade em 1903 contribuíram positivamente para uma imagem da igreja junto à população (BARBOSA, José Carlos. Lugar onde amigos se encontram: caminhos da educação metodista no Brasil. Piracicaba: CEPEME, 2005). Em fevereiro de 1916, aos 22 anos de idade, Guaracy foi estudar no Seminário Granbery em Juiz de Fora, segundo ele, para uma “readaptação eclesiástica”. Ali permaneceu apenas um semestre, decidindo trabalhar como pastor ajudante e realizar o curso teológico à distância.

Guaracy conheceu Etelvina Crem provavelmente durante a Con-

ferência do Centro, na cidade de Piracicaba, em setembro de 1915, quando foi encaminhado para o Granbery. Eles casaram-se no dia 11 de julho de 1918 e tiveram cinco filhos: Lygia, Paulo Guaracy, Onésimo, Noemi e Elena Grácia. Etelvina nasceu em 1898 na cidade de São Roque-SP, sua mãe Maria Weishaupt e seu pai, José Crem eram metodistas. Guaracy es-

à distância, porque desejava ficar próximo de Etelvina, a quem dedicou o acróstico.

Pastor e Deputado

Guaracy concluiu o curso teológico em 1920 e foi ordenado presbítero da Igreja Metodista em 1921. Ele foi nomeado para a paróquia de Lins e Bauru. No ano seguinte foi nomeado para o Brás em São Paulo, igreja que

QUEM ÉS?

Guaracy Silveira

Eu vou dizer quem é: no riso meigo e ardente
Traz palavras de amor que ansiadamente eu leio
Erra sempre na boca um riso onde, inconsciente,
Ler nos faz d' alma pura o terno e doce enleio.
Vive no seu olhar de moça e de creança,
Imenso como a noite e claro como o dia,
Nesse olhar que nos enche a vida de esperança,
A chama da bondade, seus risos de alegria

Carece do seu vulto a rosa decantada
Rendendo-lhe louvor se inclina o Lyrio ao vél-a
E afinal, tem beleza a minha terna amada
Mais que brilhos, de noite, a mais fulgente estrella.

creveu um acróstico intitulado “Quem és?”, dia 04 de fevereiro de 1916, o que evidencia que se conheceram antes dele ir para o Granbery e sugere que permaneceu apenas um semestre naquele educandário e decidiu continuar seus estudos

ele havia iniciado naquele bairro operário em 1918. Ele participou de um grupo de representantes da Igreja Metodista do Brasil que levou ao Concílio Geral da IMES, em 1924, nos EUA, uma carta reivindicando a autonomia. Guaracy tomou posse na Igreja Metodista de Pira-

*Grata
Memória*

Ano 18, nº 47, junho/dezembro de 2010

cicaba dia 22 de outubro de 1927 e em pouquíssimo tempo conseguiu animar a comunidade local completando a construção do templo cujas obras estavam paralisadas. À época havia uma campanha da Escola Dominical conhecida como Dia do Rumo, que aconteceu em 01 de abril de 1928. A Escola Dominical em Piracicaba contava com 350 matriculados. Participaram dessa Escola Dominical quase 1300 pessoas, com mais de 900 visitantes. Ao final de 1928 ele foi nomeado para a Central de São Paulo.

Guaracy foi uma das lideranças do movimento de autonomia da Igreja metodista brasileira. Ele liderou a comissão constituinte da Igreja Metodista do Brasil, pela qual foi eleito para receber das mãos do Bispo Mouzon a Carta Constitucional e presidir a primeira reunião do primeiro Concílio Geral dessa Igreja, em 1930, que haveria de eleger seu primeiro bispo, sendo ele, um dos fortes candidatos.

Ele foi o primeiro capelão militar brasileiro protestante, servindo às tropas paulistas na revolução constitucionalista em 1932. Em 1931 já havia se tornado conhecido em São Paulo pela sua atuação nos jornais e nas rádios contra o projeto de implantação do ensino religioso nas escolas públicas paulistas. Ele acreditava que o catolicismo, tinha

uma concepção religiosa totalitária, e não estava preparado para respeitar a religião da minoria, o que provocaria cerceamento da liberdade religiosa nas escolas. A sua atuação na Revolução de Constitucionalista de 1932 e a crítica pela imprensa ao ensino religioso nas escolas públicas fizeram-no conhecido na sociedade e contribuíram para que fosse eleito deputado pelo Estado de S. Paulo à Constituinte da Segunda República, pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), em 1933.

A sua atuação no Congresso foi muito tumultuada. Ele enfrentou duas radicais correntes de pensamento. Os marxistas, dentro da sua própria legenda e os constituintes eleitos com o apoio da Liga Eleitoral Católica (LEC), ferrenhos defensores das emendas religiosas. Em janeiro de 1934, no início dos trabalhos da Constituinte, a ala marxista predominou na direção do PSB e o expulsou do partido mas não conseguiu tirar-lhe o mandato. Ele defendeu-se na Assembleia Constituinte afirmando que a bancada do PSB foi eleita com um programa socialista, que estava de acordo com o Credo Social da Igreja Metodista divulgado por ele nos comícios do PSB, e que este programa foi modificado após as eleições.

No seu primeiro discurso no Congresso os deputados ligados à

LEC o cercaram e fizeram 158 apartes num tempo de uma hora e trinta minutos (SILVEIRA, G. Relatório às *Igrejas Evangélicas do Brasil*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1950). Eles foram advertidos pelas autoridades católicas, de modo que, nos outros discursos, cessaram os apartes desconexos, incoerentes, destinados somente a impedir o seu pronunciamento.

Guaracy retornou ao ministério pastoral depois da Constituinte e solicitou nomeação para a capital paulista. Ele pretendia explorar sua condição de homem público para facilitar o estabelecimento de relações entre Igreja Metodista e sociedade local. Ele desejava também aproveitar sua imagem e tornar-se um evangelista da Igreja Metodista de projeção nacional. A sua solicitação não foi atendida pelo Bispo César Dacorso, que o nomeou para a Igreja Metodista de Ribeirão Preto, interior de São Paulo. Insatisfeito, sofrendo problemas de saúde, Guaracy pede jubilação no Concílio de 1938 e vai trabalhar no Ministério do Trabalho do governo Vargas. Ele exerceu suas funções no Vale do Paraíba, Sorocaba e Santos. Nessa cidade, ao final do governo Vargas, foi preso acusado de comunista, nada sendo provado contra ele. Em dezembro de 1945

foi eleito deputado constituinte



Grata
Memória

pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), único deputado constituinte paulista reeleito. Na Assembléia Constituinte participou da Comissão de Constituição e da Subcomissão de Família, Educação e Cultura.

Ampliando a visão do Reino de Deus

A sua experiência na Assembléia Constituinte foi fundamental para qualificar a contribuição oferecida por Guaracy Silveira ao metodismo no Brasil. O aprofundamento de suas convicções a respeito do papel central da democracia, tida por ele como a filha dileta do cristianismo, vai nortear sua visão sobre o papel da igreja na sociedade e influenciar no seu complexo relacionamento com autoridades da Igreja e também a sua relação de diálogo com a Igreja Católica e com as organizações de trabalhadores.

Ele percebeu entre os católicos um grupo que desenvolveu uma relação de cordialidade com ele e aprendeu a respeitar os protestantes, e outro grupo que continuou a não tolerar a idéia de respeitar a igualdade de direitos religiosos. Diz ele que teologicamente, encastelam-se na doutrina de que “a Verdade não pode ter contemplação com o erro” e “para esse grupo é obra meritória impedir, por todos os meios, a expansão do Cristianismo Evangélico” (*Relatório às Igrejas Evan-*

géticas do Brasil). No meio protestante havia também essas duas posturas. De acordo com a designação do próprio Guaracy, havia os “convertidos verdadeiramente a nosso Senhor Jesus Cristo” e aqueles “radicais inimigos do romanismo”. Assinala ele: “O violento ataque do catolicismo ao protestantismo, e o violento ataque do protestantismo ao catolicismo, levará ao povo a convicção de que ambos os ramos do cristianismo estão falidos (Relatório às Igrejas Evangélicas do Brasil).

Obras escritas por Guaracy Silveira

Evangelho, Patrologia e Razão – resposta ao opúsculo “Jesus Christo na Eucaristia”. Imprensa Metodista, S. Paulo, s/d (cerca de 1920).

Lutero, Loiola e o Totalitarismo. Imprensa Metodista, S. Paulo, 1943

Do Vale da Sombra às Montanhas. Livraria Liberdade, São Paulo. 1945.

Paulo, 1943.
Memórias do Coronel Simplício – pseudônimo: Hélio
Salvado, 1933;

Salvador—1953,
Relatório às Igrejas Evangélicas do Brasil. S. Paulo, Imprensa
Metodista, 1950.

Metodista, 1930.
Discursos Parlamentares do Deputado Guaracy Silveira – sobre divórcio, comunismo e outros vários assuntos. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1947.

Na sua avaliação o protestantismo tinha pouca ou nenhuma influência sobre a elite do país e a religião católica nas elites fazia parte dos predicados da nobreza. No entanto, o catolicismo não conseguia sensibilizá-las quanto aos interesses das classes pobres. No entanto, surgia um movimento leigo, ainda pequeno, que envolvia homens e mulheres católicos da alta e média

sociedade, “pretendendo penetrar as favelas e os tugúrios, não com pinças nas mãos, mas no sentido da amorosa fraternidade que Cristo ensinou” (*Relatório às Igrejas Evangélicas do Brasil*) que provocou nele uma esperança na possibilidade do catolicismo contribuir para a evangelização do país.

Presença Pública

Guaracy também era jornalista, membro da Associação Paulista de Imprensa e escrevia periodicamente para jornais mesmo antes de ser eleito deputado.

programas radiofônicos destinados até ao público infantil. A sua palavra alcançou os rincões mais distantes do país pelo rádio, como confirma a história que a pastora Zenilda de Lima ouviu de sua mãe, D. Benedita, explicando a origem do nome do seu irmão Milton Guaracy, em homenagem à Guaracy Silveira, “Imagina uma coisa dessas acontecer, ou notícias sobre a atuação dele chegarem à Vala do Rufino, interior de Resplendor, aí em Minas”.

Guaracy foi também homenageado emprestando seu nome na cidade de São Paulo: a uma Escola Técnica no bairro de Pinheiros, a uma rua e a um Diretório Acadêmico da Politécnica da USP. Ele morreu naquela cidade no dia 5 de agosto de 1953, entretanto, o seu legado contribuiu para preservar na Igreja Metodista uma visão da amplitude do Reino de Deus e das possibilidades da ação pastoral da Igreja, possibilitando um diálogo com a Igreja Católica pré-Vaticano II e com as organizações de trabalhadores, visando construir como compromisso evangélico uma sociedade mais democrática e justa.

Cilas Ferraz de Oliveira é pastora metodista, doutor em Educação e agente de pastoral no Instituto Isabela Hendrix (Belo Horizonte/MG). Sua tese de doutorado defendida em 2008 teve o título “Nunca na história deste país... A contribuição de Guaracy Silveira ao Metodismo no Brasil”.



Ano 18 nº 47 junho/dezembro de 2010

A Casa dos Profetas e seu primeiro Reitor

Luis de Souza Cardoso

Dentre as salas do Museu Guaracy Silveira, no Centro de Memória Metodista, uma é dedicada especificamente à Faculdade de Teologia (FaTeo). Nela encontram-se peças que contam a história da “Casa dos Profetas”, como ficou conhecida carinhosamente a nossa Faculdade. *Alma*

Além da história da FaTeo, pode-se dizer que a sala é um sensível relato da história da formação teológico-pastoral Metodista no Brasil, posto que traz também importantes referências às faculdades precedentes (d’O Granbery, Juiz de Fora, e do Porto Alegre College).

FaTeo até 1968 (quando de seu fechamento fora levado por um dos estudantes excluídos, tendo sido devolvido somente em 1998, por ocasião do culto de contrição e chamado á tolerância, ocorrido por determinação do Concílio Geral, como ato de pedido de perdão aos afetados pela decisão 1968).

leiro Tagus, que marcou o início e término das aulas de 1956-1975; peças litúrgicas como a salva de ofertas e a bandeja de Santa Ceia, que serviram a Igreja Metodista do Rudge Ramos e a Capela “Eula Bowden” desde 1950, e o antigo harmônio Bohn que por muitas décadas deu ritmo aos hinos na Capela do Edifício Alfa e na “Eula Bowden”; o equipamento de chancela e marca d’água em alto relevo, utilizado nos diplomas e documentos da FaTeo por muitas décadas; etc.

Também, podem ser ali conhecidos importantes documentos escritos e iconográficos, tais como, o Livro de Matriculados de 1938-2009; documentos da primeira campanha financeira para construção do Edifício Alfa, de 1938-1943; a partitura e letra do Hino do Seminarista, de 1930; os diários de Mrs. John M. Lander, primeiro reitor d’O Granbery, de 1888-1902, e de Paul Eugne Buyers, segundo reitor da FaTeo, em dez volumes.

Das fotografias destacam-se a que é considerada o primeira d’O Granbery, de 1892, e outra



Momento da cerimônia de inauguração do CMM

mater de muitas gerações de pastores e pastoras metodistas brasileiros/as, além de abrigar dezenas de estudantes de outros países e, sobretudo mais recentemente, até mesmo de outras Igrejas.

A riqueza da Sala da FaTeo

Peças de inestimável valor sentimental, como, por exemplo, o famoso “sino” oriundo d’O Granbery, e que serviu a

Encontram-se ali também a mesa e cadeira de trabalho do Dr. Jalmar Bowden, bibliotecário da FaTeo, que atuou n’O Granbery e na FaTeo até 1970; o relógio sín-

Grata
Memória

Ano 18, nº 47, junho/dezembro de 2010

que retrata a imponente fachada do edifício principal daquela Instituição, de 1915, que anuncjava a projetada “Universidade O Granbery”. Um painel com fotos das décadas de 30 e 40, dos professores, da construção do Edifício Alfa, das casas dos professores, do Bairro Rudge Ramos e da via Anchieta no começo do século passado, além de outras.

Importantes atores históricos podem ser conhecidos no acervo iconográfico, dentre os quais destaca-se a Galeria dos Reitores: Derly de Azevedo Chaves (último Reitor da Faculdade de Teologia d’O Granbery); Sante Uberto Barbieri (Reitor da Faculdade de Teologia do Porto Alegre College e primeiro Reitor da nova FaTeo em 1938); Paul Eugene Buyers (1938-42); Walter Harvey Moore (1942-50); Afonso Romano Filho (1950-55); Nathanael Inocêncio do Nascimento (1955-62); Isnard Rocha (1963); Otto Gustavo Otto (1964-68); Reinhard Brose (1969-70); Nilo Belotto (1971-78); Ely Eser Barreto César (1978); Prócoro Velásquez Filho (1979); Duncan Alexander Reily (1979-80); Isac

Alberto Rodrigues Aço (1981-82); Rui de Souza Josgrilberg (1983-96 e 2002-10); Clovis Pinto de Castro (1997-2002).

O justo destaque ao primeiro reitor: as origens

O primeiro Reitor eleito no 3º Concílio Geral,

da Igreja na formação de um quadro de obreiros nacionais, sob uma mesma orientação; a economia de esforços e recursos; a busca de unidade teológica e doutrinária para a Igreja que experimentava seus primeiros anos de autonomia.

Barbieri nasceu em

do final do século XIX e primeira metade do XX, que jorrou para fora da Itália cerca de 24 milhões imigrantes, sendo que grande parte veio para o Brasil.

Muito cedo ele conheceu o preconceito nacionalista, como registrou mais tarde em um dos seus poemas, o “Estrangeiro”: “Tu és um estrangeiro, disseram ao Peregrino. Tu não és dos nossos; tua terra, teu povo e tua língua são outros. Vai tu d'aqui. Isto é nosso! Estrangeiro! Que palavra odiosa! Que palavra dura!”

Entretanto, herdeiro de um ousado estilo de vida dos pais, militantes anarquistas, amantes da liberdade e lutadores por justiça, Barbieri superou estes reveses e muitos outros, ao longo de sua vida. Especialmente a partir do seu encontro com o metodismo e da experiência com Cristo, a partir de 1921, sua convicção de cidadania universal ganharia mais força. Na palavra ao 10º Concílio Geral da Igreja Metodista no Brasil (1979), declarou: “Quando eu, peregrino que tenho sido no mundo, senti a minha orfandade nacional, um estrangeiro



Acervo da Sala da FaTeo no CMM

depois da decisão de fundar uma única Faculdade de Teologia, em fevereiro de 1938, foi o Rev. Sante Uberto Barbieri. As principais justificativas para a criação da única Faculdade foram: as necessidades

Dueville, Vicenza, ao nordeste da Itália, em 2 de agosto de 1902. Chegou ao Brasil com a idade de oito anos, em 16 de julho de 1911. A família Barbieri era parte do extraordinário fluxo populacional

*Grata
Memória*

Ano 18, nº 47, junho/dezembro de 2010

em toda parte, encontrei em Jesus o meu irmão universal, e, em seu Reino, a minha cidadania, a qual por ninguém me pode ser tirada.”

Barbieri encontrou-se com o metodismo e iniciou sua experiência com Cristo, no contexto das tensões de implantação da missão Metodista no sul do país, em Passo Fundo (RS). Em 1921, era missionário naquela cidade o Rev. Daniel Lander Betts. A defesa da liberdade religiosa, apesar de Barbieri nada ter com qualquer religião até aquele momento, o compeliu a defender os “metodistas” diante dos ataques do catolicismo conservador e daí que considerava um “insulto à dignidade humana” e uma “oposição à liberdade de consciência”.

Como articulista no jornal local escreveu, a partir do segundo semestre de 1921, uma série de textos em defesa da liberdade dos protestantes que chegavam à cidade. Esses episódios o aproximaram dos metodistas e não muito depois disso ele começa a conhecer o Evangelho e a Cristo, o que viria a transformar definitivamente os rumos de sua vida.

Apesar de ávido leitor que era, tendo conhecido desde a infância e juventude os clássicos da literatura italiana, da política e da filosofia, até aquele momento jamais tinha lido a Bíblia, conforme declara: “Eu sabia que existia um livro chamado Bíblia, por aquele tempo

lo sem ordem. Felizmente comecei casualmente com a primeira carta de São João e ali encontrei a definição de Deus: ‘Deus é amor.’ E mais tarde, procurando mais detidamente, encontrei o carpinteiro Jesus, encarnação desse amor em seu trato com o ser humano. Lhe achei

foi nenhum pensamento sobre a deidade de Jesus que me atraiu, senão seu amor à humanidade.”

Em 1923, tornou-se membro da Igreja Metodista e pouco tempo depois (1924-26) cursou o recém criado “Bacharelado em Artes e Teologia” no Porto Alegre College (atual IPA), tendo sido o primeiro estudante formado pelo curso em novembro de 1926.

Barbieri: pastor, acadêmico, reitor, bispo

No contexto de formação de lideranças nacionais para a Igreja Metodista, após quase três anos de profícuo exercício pastoral (Cachoeira do Sul e Porto Alegre, RS), em outubro de 1929, foi encaminhado para seguir estudos nos EUA.

Na Universidade Metodista do Sul (SMU), Dallas, Texas, obteve em junho de 1932, três diplomas: Bacharel em Artes (filosofia); Bacharel em Divindades (teologia); Mestre em Artes (Antigo Testamento). Rumou no mesmo ano para a Universidade Emory, Atlanta, Georgia, onde um ano mais tarde obteve o diploma de Mestre em Artes (Novo Testamento).



Acervo da Sala da FaTeo no CMM

de leitura proibida aos fiéis católicos; fui então em busca desse livro na livraria de um conhecido meu. Fui para casa jubiloso com esse texto nas mãos e comecei a folha-

de minha parte, com um tratamento humano muito mais digno do que aquele dos meus filósofos e dos ideais políticos de meus pais. A violência devia dar lugar ao amor. Não

Grata
Memória

Consolidada a formação acadêmica retornou ao Brasil em junho de 1933. Foi então nomeado no 4º Concílio Regional do Sul, em dezembro de 1933, como Superintendente do Distrito de Caxias do Sul, Reitor da Faculdade de Teologia do Sul (Porto Alegre College), “guia espiritual” (capelão) dessa Instituição e orientador do curso pré-seminário. Além disso, nos anos seguintes desempenhou pastorado em igrejas locais de Porto Alegre (Central, set-1934/1936, Wesley e Paulo de Tarso, 1937), e após a transferência da Faculdade de Teologia do Sul para Passo Fundo, pastoreou também a igreja Central daquela cidade.

Com a eleição para a Reitoria da nova Faculdade de Teologia, que deveria ser instalada em São Paulo, começou o seu trabalho logo após o Concílio Geral de 1938. Dedicou-se a preparar a transição de encerramento e transferência das duas Faculdades (d'O Granbery e do Sul), bem como, à campanha financeira para instalação da nova Faculdade. Porém, o seu trabalho duraria pouco tempo. Em virtude de di-

vergências administrativas entre o Reitor e o Conselho Superior, agravadas pela decisão do Conselho de escolher os novos professores sem consulta ou qualquer participação do Reitor, Sante Uberto Barbieri tomou a decisão de entregar o cargo em 5 de outubro de 1938.

logical Seminary (hoje ISEDET), em Buenos Aires.

Em 1949, foi eleito Bispo pela Conferência Central da América Latina, tendo exercido episcopado na Argentina, Uruguai, Bolívia e Perú, conduzindo essas Igrejas até suas respectivas autonomias.

membro do Comitê Central do CMI. Em 1969, participou da fundação e foi Secretário Executivo do Conselho de Igrejas Evangélicas Metodistas da América Latina (CIEMAL). Contribuiu também para a fundação do Conselho Latino Americano de Igrejas (CLAI) em 1978.

Respeitado intelectual, legou uma significativa obra em literatura, poesia, teologia e estudos bíblicos, composta por 23 livros em português, 40 em espanhol, seis em inglês e um em italiano, sendo que algumas alcançaram várias reedições. Fundou e foi sócio de diversos grêmios literários e academias de letras em diversas cidades onde viveu.

Sante Uberto Barbieri combateu o bom combate, terminou a carreira, guardou a fé... (2Tm 4.7), tendo concluída sua jornada neste mundo em 13 de fevereiro de 1991, em Buenos Aires, Argentina, onde está sepultado no Cemitério Britânico.

Luis de Souza Cardoso é pastor metodista, mestre em Ciências da Religião e coordenador geral de Relações Internacionais da Rede Metodista de Educação. Sua dissertação de Mestrado teve o título “Sante Uberto Barbieri: Recorte biográfico de um imigrante italiano no Brasil meridional e sua inserção no metodismo”.



Acervo da Sala da FaTeo no CMM

O seu ministério, porém, seguiu para além das fronteiras do Brasil. Em outubro de 1939, seguiu para servir o metodismo nos países do Rio do Praia. Exerceu pastorado no Uruguai e Argentina, bem como, a Reitoria do Union Theo-

Em 1949, presidiu a primeira Conferência Evangélica Latino Americana (CELA), em Buenos Aires. Em 1954, foi eleito o primeiro presidente do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), oriundo da América Latina. Em 1961, foi

Grata
Memória

Ano 18, nº 47, junho/dezembro de 2010

Grata Memória... Grata História!

Margarida Fátima de Souza Ribeiro

Dizem que as mulheres são deta-
lhistas, imagi-
ne... Vamos apenas des-
crever um pouco do que
encontramos ao chegar
na Sala da Autonomia,
como é conhecida no
Museu Guaracy Silveira
do Centro de Memória
Metodista.

Ao adentrarmos neste
recinto encontramos al-
gumas Bíblias antigas, Li-
vros de Atas e Relatórios,
Estatística da 1ª Sessão
da Conferência Anual do
Sul do Brasil, realizada
em 1910 e também do-
cumento pertencente aos
Valdenses datado do final
do século XIX.

Ao elevarmos os nos-
sos olhos vamos encon-
trar algumas flâmulas das
escolas metodistas e al-
guns quadros com fotos
de pessoas que marcaram
a história do metodismo
brasileiro: Rev. Dr. J. J.
Ranson, primeiro missio-
nário metodista oficial-
mente enviado ao Brasil
pela Methodist Episcopal
Church, South, em 1776
(foto de 1922); Tarboux,
Kennedy e Tucker, co-
nhecido como “O Trio de
Ouro” em frente do pri-
meiro Templo Metodista
no Brasil, Igreja do Catete,
Rio de Janeiro; também há

um quadro com o primei-
ro *Expositor Cristão*, datado
de 1º. de janeiro de 1886,
que estampava na capa:
Methodista Católico, pois
este é o nome original que
foi dado ao jornal oficial
da Igreja Metodista do
Brasil.

Quanto à autonomia,
é possível vislumbrar a
foto oficial da conhecida
Comissão dos Vinte, a ata
que registrou este impor-
tante marco na história do
metodismo brasileiro e as
fotos dos Bispos João W.
Tarboux, primeiro bispo
da Igreja Metodista do
Brasil e Cesar Dacorso
Filho, primeiro bispo bra-
sileiro.

Em relação às mulhe-
res há apenas duas fotos: a
de Martha Watts, protago-
nista na área educacional
da Igreja Metodista e a de
Ottília de Oliveira Chaves.
Doravante iremos trazer
à memória a história da
Autonomia da Igreja Me-
todista do Brasil, e espe-
cialmente a participação
de Ottília Chaves neste
processo.

O movimento da Autonomia

O movimento em bus-
ca da autonomia da Igreja
Metodista inicia-
se em meados de

1910 com diversas mani-
festações por parte dos
pastores e também leigos
e leigas da Igreja. Nesse
mesmo ano organizou-se
também a Conferência
Sul Brasileira. A partir de
então, diversas reuniões
foram realizadas, em 1911
na cidade de Juiz de Fora
(MG), quando eviden-
ciou-se a necessidade de
buscar o autossustento.
Esta questão foi discutida
posteriormente em todas
as conferências. Em meio
à forte ideologia nacio-
nalista vigente no País,
este assunto percorreu as
mais diversas instâncias
da Igreja.

Nesta trajetória para
a autonomia foi consti-
tuída uma comissão que
deveria levar à Igreja-Mãe,
no caso, a dos Estados
Unidos, os anseios da
Igreja no Brasil, a chama-
da Grande Comissão do
Nacionalismo, criada pela
Conferência Geral em
1926, que resolveu: “man-
dar ao Brasil uma comis-
são de alto nível consti-
tuída de cinco membros
para, em comum acordo
com cinco delegados de
cada uma das três Confe-
rências Anuais do Brasil,
formarem uma Comissão
de Vinte, com
poderes consti-

tuintes, para organizar a
Igreja Metodista do Brasil
‘com o grau de relação
orgânica por ela mesma
determinado’ ao nível de
Igreja Autônoma” (CHA-
VES, Ottília O. *Itinerário de
uma vida: Memórias de Ottília
de Oliveira Chaves*. São Pau-
lo: Imprensa Metodista,
1977).

Neste processo houve
marcante participação
de mulheres, das quais
destacamos a atuação de
Ottília Chaves, que es-
trategicamente declarou:
“Sabia-se que, dos cinco
delegados da Igreja-Mãe,
uma era senhora, e que a
referida Igreja apreciaria
que, nas delegações das
conferências brasileiras,
também fosse incluída
uma senhora” (EXPOSI-
TOR CHRISTÃO: Órgão
official da Egreja Metho-
dista no Brasil. São Paulo,
vol. 35, nº 1, 12 de janei-
ro de 1921). E assim as
mulheres se organizaram
de tal maneira que foram
eleitas: Ottília de Oliveira
Chaves, pela Conferência
Anual Brasileira; Fran-
cisca de Carvalho, pela
Conferência Central Bra-
sileira e Eunice Andrew
pela Conferência do Sul.
A Comissão Constitui-
nte reuniu-se, elaborou a
Constituição e convocou



Ano 18, nº 47, junho/dezembro de 2010

a Conferência Geral, perante a qual proclamou a autonomia da Igreja Metodista do Brasil, no dia 2 de setembro de 1930, em ato celebrativo realizado na Igreja Metodista Central de São Paulo.

Ottília Chaves: um destaque

Ottília de Oliveira Chaves escreveu um livro de memórias intitulado *O Itinerário de uma vida*, em que conta que sua história começa na região conhecida como Zona da Mata, no Estado de Minas Gerais, em Santa Rita de Cássia, Distrito de Tombos, Carangola. Nasceu filha primogênita do jovem casal Jovelino Alves de Oliveira e Francisca Gonçalves de Oliveira no dia 3 de janeiro de 1897. Quando criança, mudou muitas vezes de cidade, devido ao trabalho do seu pai, como mascate. Ela estudou em um colégio para moças, na cidade de Muriaé, e posteriormente mudou-se para São Cristóvão, Rio de Janeiro.

Mais tarde decidiu estudar Farmácia, no Instituto Granbery, em Juiz de Fora. No ano de 1915 ocorreu a formatura. É importante destacar que a

turma de formandos contava com doze estudantes, sendo Ottília a única mulher e, além disso, a primeira a formar-se no curso de Farmácia daquela instituição.

Depois de formada, Ottília casou-se com o pastor Derly Chaves, e o casal teve como primeiro trabalho pastoral a Comunidade Metodista em São Borja (RS). Também trabalharam no Colégio União em Uruguaiana, e nas cidades de Santa Maria e Cachoeira do Sul. Neste período, o seu esposo recebeu uma bolsa de Estudos para a Faculdade de Teologia em Emory, nos Estados Unidos. Devido às baixas condições financeiras, Ottília permaneceu no Brasil com seus filhos, na fazenda onde passou a sua infância. Ao final de um ano, seu marido conseguiu as passagens e estadia para a família.

Em 1928, retornaram ao Brasil, para Juiz de Fora, onde Derly foi eleito Reitor da Faculdade de Teologia. Nos doze anos que se seguiram destacamos os seguintes fatos: Ottília lecionou no Colégio Granbery, fez faculdade, graduando-se em 1936 no Cur-

so de Educação Religiosa; lecionou Sociologia e Psicologia na Faculdade de Pedagogia, e Educação Religiosa e Sociologia na Faculdade de Teologia, ambas do Instituto Granbery. Neste período Ottília também exerceu a presidência das Federações das Sociedades de Senhoras Metodistas da Conferência do Sul (hoje, II e VI Regiões Eclesiásticas) e da Conferência Anual Brasileira (hoje, I e IV Regiões Eclesiásticas).

Nos dias 17 e 18 de setembro de 1929, realizou-se em São Paulo a reunião das presidentes das três Conferências das Sociedades de Senhoras, da Conferência Anual Brasileira: Ottília de Oliveira Chaves, Lídia Wiedreheker da Silva e Eula Kennedy Long. Além das presidentes, também estiveram presentes as secretárias. Na ocasião decidiu-se formar a Junta Interconferencial, à qual foi dada a incumbência de coordenar e dinamizar as atividades das Sociedades Metodistas de Senhoras no Brasil, e no dia 18 ocorreu a idéia da publicação de uma revista para a família metodista, a Revista

Voz Missionária, em 2010 com 81 anos.

Ottília atuou como presidente da Federação das Sociedades de Mulheres da Conferência Anual Brasileira, realizando diversas atividades até 1939. É importante ressaltar que o Concílio Geral realizado em 1938 decidiu que as Faculdades de Teologia de Porto Alegre, Rio Grande do Sul e de Minas Gerais deixariam de existir para dar lugar à Faculdade de Teologia da Igreja Metodista do Brasil. Devido a esta decisão o casal deixou Minas Gerais em 1939 e seguiu em direção ao Rio Grande do Sul. Derly Chaves foi nomeado pastor da Igreja Central em Porto Alegre, local onde permaneceu durante treze anos. Nesse mesmo ano, o casal foi escolhido como representante das igrejas evangélicas do Brasil para participar do Concílio Missionário Internacional de Madastra, Índia. Nessa ocasião receberam vários convites que tornaram possível a passagem de Ottília e Derly por diversas cidades da Europa, do Egito e da Palestina.

Em março de 1941, Ottília é eleita presidente da Federação das Socie-



Ano 18, nº 47, junho/dezembro de 2010

dades de Senhoras do Sul. Durante esse período realizou diversos trabalhos, incluindo o Lar Metodista, em Santa Maria; a Missão Caiuás; a formação de um fundo conhecido como Cofre Adelaide Vurlod, que se destinava à manutenção dos estudantes de teologia e ao auxílio à formação das diaconisas.

Ottília Chaves também participou de diversos Congressos de Mulheres Metodistas na América Latina. E em 1948, foi-lhe oferecida uma bolsa de estudos da Divisão de Mulheres. Assim, aos 52 anos, a avó recebeu o grau de mestre. Pois entendia que: “Nunca é tarde para aprender”.

Em 1952, Ottília foi eleita presidente da Federação Mundial de Senhoras Metodistas. Até hoje foi a única brasileira a ocupar este cargo. Ela também foi uma das nove vice-presidentes que formavam a Comissão Executiva para o período de 1956-1961 do Concílio Mundial de Igrejas Metodistas. Em 1957, recebeu o cargo de historiadora da Aliança das Mesas Redondas Pan-Americanas, e em 1958 foi eleita diretora geral desta organização. São várias as

suas atividades: também foi membro da Academia Literária Feminina, da Associação Cristã Feminina, e presidente da Comissão

presbíteros e diáconos, sem distinção de sexo. Resultado da Votação Sim: 64. Não: Zero. Este concílio é um marco na

no Rio Grande do Sul, e faleceu no dia 19 de abril de 1983. Estes são alguns olhares sobre a história de Ottília!

Quanto à Sala da Autonomia certamente não descrevemos tudo o que há neste local, pois está faltando você, com o olhar mais preciso para estes quadros, livros... e quiçá com histórias para serem recontadas. Venha visitar o Museu que retrata parte da história do metodismo. Venha vivenciar a grata memória, pois você faz parte desta história!

Margarida Fátima de Souza Ribeiro é pastora metodista, doutora em Ciências da Religião e professora da FaTeo. Sua tese de doutorado teve o título “Rastros e rostos do protestantismo brasileiro: uma historiografia de mulheres metodistas”.



Ottília de Oliveira Chaves

oficial do Concílio Geral incumbida de ‘estudar, corrigir e harmonizar’ os Cânones da Igreja e apresentar ao Concílio Geral de 65.”

O Concílio Geral de 1970, aprovou que: ‘As ordens na IM são duas: Presbiteral e Diaconal, constituídas, respectivamente, de

Igreja Metodista, especialmente no que diz respeito ao ministério pastoral feminino. Ottília também participou da segunda fase do Concílio Geral, realizada em 1971.

No decorrer da década de 70 e início da década de 80, Ottília Chaves permaneceu a maior parte do tempo



Ano 18, nº 47, junho/dezembro de 2010

Você já foi ao Centro de Memória Metodista? Não? Então, vá!

José Carlos de Souza

Todas as vezes que parei para redigir essa matéria a respeito do Centro de Memória Metodista, oficialmente inaugurado no dia 2 de setembro de 2010, a canção de Dorival Caymmi veio à minha mente de forma recorrente: "Você já foi à Bahia, nega? Não? Então, vá!". O poeta não se limita a descrever os dons de sua terra, mas,

fazer-lhes o convite para que venham conhecer o Centro de Memória Metodista para, deste modo, se beneficiarem dos seus inestimáveis tesouros. Como o trovador diante da beleza singular de seu estado natal, pretendo descrever sumariamente o acervo deste Centro, indicando suas ilimitadas possibilidades de pesquisa e suas veladas promessas

maneira de conhecermos a nossa história, como povo chamado metodista em terras brasileiras, senão nos debruçando sobre tais indícios, sinais e documentos. Diante disso, é lastimável que tenhamos demorado tanto para perceber a necessidade de organizarmos tais arquivos, disponibilizando-os de tal modo que possam ser investigados. A boa notícia é que agora eles estão prontos para serem interrogados, analisados e processados.

As riquezas do Centro de Memória

Você ainda não foi ao Centro de Memória Metodista? O que está esperando? Ele está situado no Edifício Alfa da Faculdade de Teologia, na Universidade Metodista de São Paulo. A própria construção, inaugurada em junho de 1942, é a primeira dedicada aos estudos superiores na região do ABC e foi tombada como Patrimônio Histórico do município de São Bernardo do Campo. Integra-o também o Museu Guaracy Silveira que dispõe de inúmeros objetos e peças que testemunham as

rápidas transformações tecnológicas ocorridas no campo da comunicação durante o último século, as quais foram utilizadas nas instituições e órgãos da Igreja. A coleção de Obras Raras abrange aproximadamente 300 títulos. Alguns, publicados no século XVI, quando o livro impresso ainda era novidade, estão ligados ao Renascimento, Reforma e Contra-reforma; outros são edições contemporâneas de John Wesley (1703-1791); outros assinalam a presença do protestantismo no Brasil do século XIX, sem mencionar edições singulares do texto sagrado, como a Bíblia poliglota e um dos primeiros exemplares do evangelho de João em braille. Objetos pessoais, flâmulas, placas, fotos e documentos diversos, expostos em salas apropriadas, testemunham as origens, o desenvolvimento e a autonomia do metodismo brasileiro, em geral, e da Faculdade de Teologia, em particular.

Contudo, o Centro de Memória Metodista não se resume a este espaço privilegiado em que se pode apreciar, conhecer e



Cerimônia de inauguração do CMM em 2 de setembro de 2010

inebriado pelas suas maravilhas, quer convencer e convidar quem o lê e ouve a desfrutar dos mesmos encantos. Afinal, "Tudo, tudo na Bahia/Faz a gente querer bem/A Bahia tem um jeito,/que nenhuma terra tem!". Sob a inspiração do compositor baiano, embora, evidentemente, sem o seu singular talento, também gostaria de

de grandes descobertas. Pode parecer estranho, mas onde muitas pessoas só veem papéis envelhecidos, periódicos e livros ultrapassados, e manuscritos sem valor, encontra-se registrada a passagem de comunidades, ideias e projetos pelo tempo, na maioria das vezes, em conflito entre si. O fato é que não há outra



Ano 18, nº 47, junho/dezembro de 2010

contemplar as marcas do tempo. Memórias forjam a identidade e, conjugadas à esperança, podem despertar o futuro. Por essa razão, este centro de memória quer se constituir em centro de pesquisa. Muito além do que pode ser visto, o seu acervo reúne vasta documentação sobre a história do metodismo no Brasil, desde a chegada dos primeiros missionários procedentes dos Estados Unidos.

Dos primórdios, isto é, dos anos 1835 a 1841, estão conservados não apenas os volumes escritos por Daniel Parish Kidder que, entre 1837 e 1840, percorreu várias províncias, do sul ao norte do país, anotando as suas impressões sobre a realidade social, política, cultural e religiosa, então vigente, mas também cópias de matérias publicadas em 1843 e 1871 no periódico mensal *Ladies Repository* respectivamente sobre os esforços missionários em São Paulo e sobre a trajetória biográfica e ministerial de Kidder. Um dos exemplares da Bíblia em português, edição de 1821, distribuídos pelo incansável Kidder, tem valor singular. Quando a

primeira missão da Igreja Metodista Episcopal foi encerrada, ele foi confiado a Martha Walker que, em 1886, o entregou ao Bispo Granbery que, por sua vez, o empregou na consagração da Igreja do Catete, no Rio de Janeiro. Após a cerimônia, essa Bíblia passou às mãos do Rev. Hugh C. Tucker que a manteve consigo até o

cava refutar, em mais de 250 páginas, as “heresias” que os metodistas vinham propalando na Corte do Império Brasileiro.

Da fase que resultou na implantação definitiva do metodismo no Brasil, encontram-se, entre outros documentos, cópias de cinco cartas de J. E Newman publicadas no *New Orleans Christian*

tão, e *O Testemunho*, órgão oficial do metodismo gaúcho, fundado em 1904. O desenvolvimento do metodismo pode ser acompanhado igualmente por meio das *Atas das Conferências Anuais e Centrais*. A documentação original do processo que levou à autonomia da Igreja Metodista do Brasil se acha igualmente disponível para a investigação.

Muita coisa para conhecer

Da Igreja autônoma à época atual, o volume de documentação, devidamente catalogado, é imenso. Abrange correspondência, atas, boletins, documentos contábeis, registros, etc., de Concílios Regionais e Gerais, órgãos de administração em diferentes níveis, Juntas Gerais de Ação Social, de Missões e Evangelização, e Educação Cristã, Instituições Sociais e de Ensino, do COGEIME, Faculdade de Teologia, Imprensa Metodista, DGP (Departamento Geral de Previdência), Conselho e Tesouraria Geral, secretarias, Grupos Societários e Federações. O Centro de Memória possui ainda coleções de periódicos



Arquivo FaTeo

Pronunciamento do reitor da FaTeo, Rui de Souza Josgrilberg

seu retorno à pátria, em 1947, ocasião em que a fez chegar a Roberto Heitgen, juntamente com essa narrativa, que finalmente, legou-a ao Museu Metodista. Deste período, o Centro de Memória guarda ainda a polêmica obra do Padre Luís Gonçalves dos Santos, *O Catholico* e *o Methodista* [título abreviado], de 1839, na qual se bus-

Advocate entre outubro de 1867 e abril de 1868, as primeiras traduções de obras metodistas em língua portuguesa como, por exemplo, o Compendio da Igreja Methodista Episcopal (1878), e coleções dos primeiros periódicos como *O Methodist Catholico*, fundado por John James Ransom (1886), depois, *Expositor Cris-*



Ano 18, nº 47, junho/dezembro de 2010

publicados pela Igreja Metodista para a Escola Dominical, tais como o Bem-te-vi, Jardim da Infância, Flâmula Juvenil, Cruz de Malta, Em Marcha, Ensino Eficiente, e o Boletim Recriar, sem mencionar o acervo do CAVE (Centro Áudio-Visual Evangélico). Não bastasse os registros institucionais, o Centro tem recebido e incorporado, parcial e totalmente, arquivos pessoais da liderança metodista, como por exemplo, o casal Derly e Otília Chaves, Sante Uberto Barbieri, Paul Eugene Buyers e Guaracy Silveira. Vale assinalar que o Centro de Memória Metodista incentiva famílias e igrejas, órgãos e grupos, a fazerem doações de todo material que possa ajudar no cultivo de nossa memória eclesial.

A amplitude e a diversidade documentais são auxílio inestimável para que pesquisadores possam captar tanto o cotidiano como as tensões geralmente ocultadas nas versões oficializadas. Parte significativa do acervo reunido é constituída pelas mais de doze mil fotografias que, por meio de imagens, narram não apenas a vida e a missão das

igrejas, desde as últimas décadas do século XIX até os dias de hoje, como também a história da Faculdade de Teologia e da Umesp. Além disso, fitas de vídeo e áudio e, mais recentemente filmes digitais, registram concílios, congressos, semanas de

feita. É necessário ampliar o acervo. O propósito do Centro de Memória é ir além das fronteiras metodistas brasileiras e se tornar uma referência para o estudo do metodismo na América Latina, assim como do protestantismo brasileiro. De fato, já se

ra, é pôr em movimento a memória arquivada, insuflando-lhe vida pela pesquisa paciente, capaz de transformar a realidade de presente e moldar o amanhã. Por isso, renovo o convite: você já foi ao Centro de Memória Metodista? Não? Então, vá! Desfrute-o, contribua para o seu aperfeiçoamento e pesquise nesse impressionante manancial!

José Carlos de Souza é pastor metodista, doutor em Ciências da Religião e professor da FaTeo.



Guaracy Silveira e esposa

estudos e testemunhos de pessoas, leigas e clérigos, que têm marcado a prática missionária do metodismo em nossa terra. São fontes privilegiadas de história oral, fundamentais para se compreender a época contemporânea.

Ainda há muita coisa a ser

caminhou nessa direção, mas ainda se requer passos mais ousados. Outro aspecto, digno de destaque, é a digitalização do acervo que, no momento, segue a todo vapor, transpondo o Expositor Cristão para

nova linguagem. Porém, o mais importante, ago-

*Grata
Memória*

CAVE em caixas de plástico E encontre história

Suzel Tunes

O pioneirismo do Centro Audio Visual Evangélico na comunicação social brasileira

Gláucia e Vandison, jovens universitários moradores de São Bernardo do Campo, região metropolitana de São Paulo, nunca imaginaram que um dia trabalhariam como garimpeiros. No entanto, contratados pelo recém-inaugurado Centro de Memória, todos os dias eles retiram novos tesouros de dentro de caixas de plástico azul: estão catalogando peças do acervo do CAVE, o Centro Audio Visual Evangélico, empreendimento pioneiro na área de comunicação eclesial.

Vários objetos do CAVE já podem ser vistos em exposição no museu histórico do Centro de Memória: saudosas máquinas de escrever, jurássico mimeógrafo, máquinas fotográficas mecânicas, projetores de slides, filmadoras.... essas peças lembram que o CAVE, nascido em 1951, atuou por 20 anos na produção de material audiovisual para igrejas evangélicas do país com uma infraestrutura completa. Teve laboratório fotográfico, estúdios

de rádio e TV e até mesmo seu próprio parque gráfico. Mas os equipamentos não dizem tudo. As caixas de plástico azul, de onde começam a sair papéis amarelados com registros de reuniões, histórias bíblicas, contos infantis e ilustrações, falam do talento e dos sonhos das pessoas que acreditaram em um projeto feito para espalhar Boas Novas.

Empreendimento missionário

O Centro Áudio Visual Evangélico nasceu graças ao empenho de um missionário presbiteriano norteamericano, o reverendo Robert Leonard McIntire, e um jovem pastor brasileiro recém-formado, o reverendo Celso Wolf. Empresa sem fins lucrativos, surgiu com o único objetivo de usar os meios audiovisuais para evangelização, a exemplo do que já ocorria nos Estados Unidos. Conforme diziam seus estatutos, a finalidade do CAVE era “produzir material audiovisual para a obra de evangelização e educação religiosa das igrejas evangélicas; promover a distribuição desse material

e exercer as funções de publicidade para as organizações evangélicas”.

Segundo a doutora Karina Kosicki Bellotti, professora de história da Universidade Federal do Paraná que, desde seus tempos de graduação, vem pesquisando a história do CAVE, o trabalho era visto como uma “profissão de fé em que nenhuma denominação em particular

Brasil, Igreja Menonita do Brasil, Igreja Cristã Reformada e Igreja Metodista.

As igrejas colaboravam financeiramente com o projeto, que também recebia o apoio da RAVE-MCCO (Radio Audio-Visual Education and Mass Communication Committee), o departamento de comunicação da National Council of Churches in Christ, dos Estados Unidos. Inspirada



Rev. Celso Wolf (1925-2008): pioneirismo

se destacava, mas sim, um conjunto de ideais cristãos”. Eram membros cooperantes da instituição a Igreja Episcopal do Brasil, Fellowship Church de São Paulo, Igreja Metodista Livre do Brasil, Igreja Presbiteriana Independente, Igreja Presbiteriana do

pelo Evangelho Social, essa associação de igrejas evangélicas norteamericanas investia fortemente em missões – às quais a área de comunicação se relacionava diretamente. “Usar os meios de comunicação não significava somente distribuir folhetos proclamando as

Grata
Memória

Ano 18, nº 47, junho/dezembro de 2010



Primeiro estúdio do CAVE

maravilhas do Céu, mas trazer soluções para a sociedade”, explica Karina Bellotti em sua tese de doutorado em História, pela Unicamp. Nessa perspectiva, o CAVE se inseria num projeto não apenas cultural, mas social, que buscava agir sobre o cotidiano das pessoas. E, para atingir esse propósito, buscava parcerias com as igrejas locais, a fim de transmitir a mensagem cristã por meio da cultura regional. “A ênfase era na produção de recursos audiovisuais que fossem relevantes para a realidade local, e que pudesse ser acessados pelo maior número de pessoas”.

Em 1951, a produção do CAVE começou em um modesto endereço: o porão da casa da Missão Presbiteriana do Brasil Central, na Alameda Campinas, em São Paulo. Em

agosto de 1958 já inaugurava sua sede numa propriedade de dois alqueires situada no quilômetro 9 da estrada Campinas-Mogi-Mirim, num prédio amplo que abrigava até dormitórios para visitantes, além de estúdios e laboratórios. Segundo Karina Kosicki, os laboratórios fotográficos do CAVE foram um dos primeiros no Brasil a realizar revelação de fotos coloridas. Ali foram também gravados discos (compactos e “long plays”), muitos deles pelo próprio coral do CAVE, filmes de 16 mm e vários programas radiofônicos, que eram oferecidos gratuitamente às Igrejas por um período de seis meses, mediante somente o pagamento de transporte das “fitas”. Havia programas evangelísticos, como “Cristo é a resposta”, com

CAVE/Acervo Centro de Memória Metodista

mensagens de cinco minutos do pastor metodista Charles Wesley Clay; programas musicais, como o “Cantai ao Senhor”, que apresentava “coros e solistas” evangélicos, e até radionovelas. Um dos maiores sucessos foi a série “Os grandes vultos da Bíblia”, que apresentava histórias de Abraão, Isaac, Davi, Rainha Ester...

Para as crianças, produziam-se materiais didáticos para serem utilizados nas escolas dominicais,

de ilustradores e roteiristas pode ser descoberta no acervo preservado pelo Centro de Memória. Entre atas de reuniões e documentos financeiros existem vários originais de ilustrações, verdadeiras obras de arte que, agora, podem ser apreciadas novamente (veja no site da FaTeo -- <http://www.metodista.br/fateo> -- uma amostra desse trabalho).

A segunda vida do CAVE

Infelizmente, após



Sede do CAVE em Campinas, SP

especialmente transparências e “diafilmes”, palavra que requer tradução aos mais jovens: eram tiras de filmes de 35 mm, constituídas por uma série de fotogramas e destinadas à projeção de imagens fixas. Mas até desenho animado

se chegou a fazer e, hoje, uma parte do talento

20 anos de existência, o Centro Audio Visual Evangélico encerrou suas atividades. Várias razões são apontadas para explicar a falência do CAVE no ano de 1971. Destacam-se os problemas administrativos, inclusive com denúncias de má gestão, e financeiros, após a gradual (e já prevista) retirada do

Grata
Memória

financiamento da RAVE-MCCO, em um período de crescente inflação. Mas o CAVE ainda teria uma “sobrevida”, com a transferência de laboratórios e estúdios para o Instituto Metodista de Ensino Superior, IMS – segundo Karina Bellotti, atendendo a uma reivindicação da Igreja Metodista dos Estados Unidos, “a entidade que mais contribuiu com o CAVE”.

O IMS fez um convite ao fundador Celso Wolf para se reabilitar o CAVE em 1976. O professor Otoniel Ribeiro, coordenador administrativo da FaTeo, participou intensamente das atividades do CAVE nesse período. Ele conta que o reverendo Benedito de Paula Bittencourt trouxe Celso Wolf para dar aulas na recém-inaugurada Faculdade de Comunicação, assumindo a área de audiovisual. O CAVE passou a funcionar sob o andar térreo do Edifício Delta e continuou a produzir materiais pedagógicos para as Igrejas, contando com laboratório fotográfico e gráfica próprios. “Era tanto uma empresa quanto uma sala de aula. Os alunos de comunicação faziam estágio no laboratório fotográfico



CAVE/Acervo Centro de Memória Metodista

e na gráfica, onde produziam o Rudge Ramos Jornal (que completou 30 anos de existência em 2010”, lembra o professor Otoniel.

No começo da década de 1980, os serviços da CAVE foram terceirizados. Foi a segunda morte da

atividades do CAVE na Universidade Metodista, o professor Otoniel empenhou-se em recuperar equipamentos e documentos do acervo para preservar essa memória. Reuniu grande quantidade de material que, na década de 1990, juntou ao acervo

rimpagem das caixas de plástico azul, que revelam lembranças a quem viveu esse período e surpreende aos que não imaginavam uma produção tão intensa e profissional em plena década de 60. Para a pesquisadora Karina Bellotti, o CAVE apareceu como uma renovação na oferta da mensagem cristã, num período em que os protestantes buscavam retomar a expansão que experimentaram no Brasil no fim do século XIX. Foi um período em que ideias ecumênicas ganharam força suficiente para que iniciativas missionárias surgessem com novo vigor. Ainda hoje, portanto, refletir sobre a experiência do CAVE é refletir sobre o papel missionário da Igreja cristã na sociedade brasileira.



CAVE/Acervo Centro de Memória Metodista

O CAVE chegou a ter um coral próprio, para a gravação de seus programas radiofônicos.

instituição – dessa vez, definitiva. Mas a pioneira experiência evangélica no campo da comunicação de massa foi tão marcante na história do protestantismo brasileiro que o CAVE jamais poderia morrer na memória das pessoas que dele participaram. Desde o fim das

do Museu Histórico da Faculdade de Teologia, inicialmente instalado no Edifício Gama. Com a criação do Centro de Memória Metodista, no Alfa, todo o material do CAVE foi direcionado para lá. Parte já está em exposição

e parte vai sendo descoberta na minuciosa ga-

Grata
Memória

Ano 18, nº 47, junho/dezembro de 2010

Memórias significativas e a celebração da sacralidade da vida

Luis Carlos Ramos e Luciano José de Lima

Sentido

Os animais são dotados de uma programação biológica na qual o “conhecimento” já nasce solidário ao próprio corpo, de modo que eles (os animais) são poupadados dos processos de aprendizado. Seus organismos são programados geneticamente para viver e morrer. E cada elemento desse organismo programado é despertado instintivamente. Vejamos o exemplo dos castores e suas represas, as abelhas e suas colônias, ou ainda o joão-de-barro e sua casa de barro. Como diria Rubem Alves, essa é a “educação perfeita”, por ser educação alguma (*Sobre o Absoluto e o Provisório*. São Bernardo do Campo: Unimep, Imprensa Metodista, 1981).

Já, os seres humanos não vivem dessa forma, não são puro instinto, sua programação biológica parece restrita, o sentido que cada homem ou mulher deve dar à sua vida não nasce com seu corpo: São seres de sentido — dotados de um senso de “incompleteza”; seres de desejo — movem-se na busca de uma vida que tenha significado. Por isso, como

nos recorda uma vez mais Rubem Alves, os humanos tornaram-se inventores de mundos; construíram casas, plantaram jardins, fizeram instrumentos musicais, tocaram música com suas harpas, tambores e flautas. Compuseram poemas, levantaram bandeiras, ergueram altares, choraram a perda dos mortos, lamentaram e sonharam com a viagem a mundos distantes.

É nesta realidade de variáveis culturais, múltiplas linguagens e busca de sentido que as religiões surgem como sistemas de símbolos, “rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica tentativa de transsubstanciar a natureza” (ALVES, Rubem. *O que é Religião?* São Paulo: Loyola, 2005).

Assim, nascem os altares, os templos, os santuários, os mitos, os ritos, os gestos, as preces, os silêncios, as canções, as peregrinações, as confissões de esperança em um mundo melhor.

Memórias

A Memória não é qualquer lembrança, mas um evento ancestral, um

passado compartilhado que dá sentido a um grupo social e religioso. Ela é a projeção da identidade de um povo para um momento fundante da história. É por isso que uma determinada religião, mesmo que recente no quadro histórico factual, remete suas origens para um momento mais antigo da história do mundo, às vezes uma meta-história.

A Memória é marcada por sistemas de representação simbólica, dentre os quais destacamos o mito. É preciso lembrar que, ao contrário da conceção positivista do século XIX, mito não implica em mentira, por não veicular um discurso factual passível de comprovação. Na verdade, o mito pode ser compreendido como uma forma de linguagem simbólica que relata “uma cadeia ou série de fatos (grifo nosso) que foram produzidos em um tempo primordial [...] um tempo que está fora do tempo” (GARCIA BAZAN, Francisco. *Aspectos incomuns do sagrado*. São Paulo: Paulus, 2002.).

Até onde conhecemos, parece não haver religião sem memória, sem mito fundante, ou desprovida de elementos

Grata
Memória

Ano 18, nº 47, junho/dezembro de 2010

narrativos que reportam para um momento ancestral onde se encontram os fundamentos legitimadores da identidade.

Sagrado

Essa memória se constitui, em última instância, como manifestação do sagrado. É pela manifestação do sagrado que a realidade se faz e o mundo é fundado.

A memória sagrada não é uma referência passada, mas uma experiência que se presentifica por meio do rito. A rigor, o rito está relacionado a tradições ancestrais, regras, normas, ordem, ritmo, virtude e arte.

Como aprendemos nas aulas de teologia, “o rito atualiza o mito”, de tal forma que o rito manifesta o aspecto mais peculiar da religião. “O ritual, por meio dos seus gestos, manipulação de objetos e recitação de fórmulas e relatos, por parte de magos e sacerdotes, trata de conservar e recuperar a situação original íntegra que abrange a conduta, o pensamento, e a vontade dos deuses. O rito é inseparável da revelação primeira: ‘Assim fizeram os deuses, assim fazem os homens’”

(Taittiriya Brâhmaṇa).” (Garcia Bazan).

Os ritos podem ser compreendidos como a vivência do sagrado presente na história, resignificando a vida e iluminando os horizontes. De tal maneira que o cotidiano — com seus gestos, objetos e expressões vulgares — se reveste de especial sentido. Ao contrário de perspectivas rationalistas, o rito não é algo irrefletido, ele é como um poema incompleto, cujas palavras já não dão conta sozinhas e, por isso, geram gestos, festa, comida, bebida, dança, onde o corpo vira território do sagrado, manifestação epifânica que celebra a união do céu e da terra.

Então, a natureza se transubstancia: o silêncio vira contemplação; palavras balbuciadas tornam-se preces; utensílios convertem-se em metáforas da eternidade; refeições comunais transmutam-se em “sacramentos” de esperanças, prenúncios de um não-lugar desejado.

Em meio aos sentidos (da mente e do corpo: paladar, olfato, audição e visão), revela-se O Sentido.

Grata
Memória



Esperança

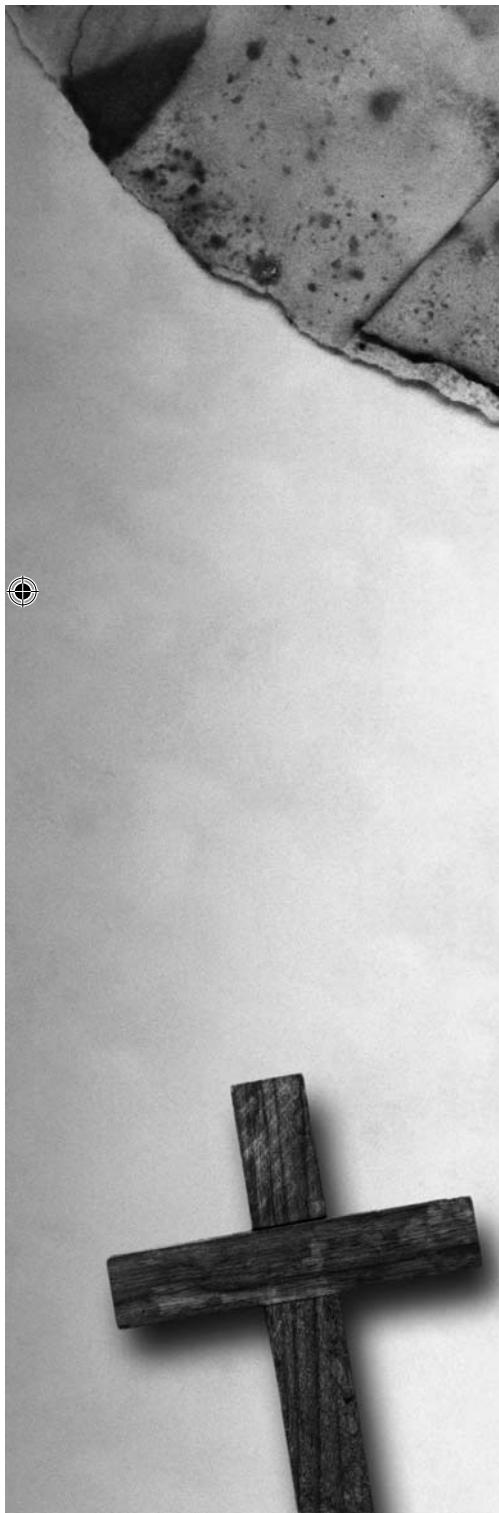
O rito atualiza o mito e descortina utopias. Quer seja elevando os olhos, se-mirrando-os ou fechados, busca-se a contemplação de novos horizontes. Mas, afinal, “o que há no horizonte”, pergunta o curioso discípulo. Ao que responde, enigmaticamente, o sábio: “outro horizonte!”. Porque existe horizonte ainda nos coloquamos a caminho.

Horizonte, sentido, utopia, loucura, sonho, por causa deles singelos plebeus convertem-se em imponentes cava-

leiros que saem em busca de tesouros em reinos distantes, salvando belas donzelas e enfrentando terríveis gigantes.

Tornam-se Quixotes de olhos, igualmente transsubstanciados, capazes de ver a beleza onde ninguém mais a vê, encontrar sentido no absurdo: a pobre Odonza Lorenza desvela-se como a deslumbrante Dulcinea del Tobozo; revelam-se os gigantes cruéis, que se escondem nos moinhos de vento; castelos suntuosos cabem dentro casebres simplórios.

O que isso tem a ver com religião? Alguém



pode se perguntar. Tudo! Pois o universo ganha sentido pela dança das palavras-desejo. As coisas deixam de ser opacas e tornam-se translúcidas por meio de gestos p(r)o(f)éticos.

Loucos profetas, messias iluminados, quixotes sonhadores, que vêem na terra o corpo humano; no ar, o sopro sagrado; na água, a matéria uterina da divindade; e no fogo, o coração que aquece uma casa comum. Ousam enxergar onde ninguém mais enxerga, cascas de cebola viram vitrais, sementes de mostarda guardam reinos de justiça, mulheres virgens ou estéreis engravidam do vento.

Assim, as loucuras dessa gente visionária começam a contagiar de esperança utópica, plantando em outros corpos sementes de uma realidade mais amorosa e justa, e elas brotam a despeito do que diz o desprezo daqueles que não conseguem ver.

Natura feita cultura sagrada pelo corpo que espera, ou melhor, que tem esperança.

Conclusão

As religiões nascem como

metáforas e morrem como dogmas, ou melhor dizendo, como dogmatismos. Assim os fundamentalismos matam “fé”, engaionam o vento, petrificam palavras, subjugam os corpos... mas não todos, pois sempre houve e sempre haverá teimosos p(r)o(f)etas, que despertam, renascem, ressuscitam a verdade como descoberta da Vida e como despertar amoroso para o encontro com o outro e o cuidado do cosmos. As doutrinas e afins, são nossas metáforas, poemas enamorados com os quais pensamos a beleza do mundo. Porém quando se tornam estruturas fechadas, matam a poesia, porque se esquecem que o sagrado não é monopólio e que a verdade não é posse, mas busca ardente e amorosa descoberta.

Religiões são sistemas de símbolos que ressignificam o mundo, pintam o cosmos com uma aquarela de significados, imprimindo graça, cor, beleza e sentido. A verdade de uma religião não está no seu dogma, mas na sua força para alimentar a vida com gratuidade, esperança

e paz. Sabemos, portanto, que as religiões são

mais complexas e mais ricas, do que nossas singelas descrições que delas fazemos.

Por fim, nos é estendido o convite para reavivarmos as nossas memórias significativas, celebrarmos a sacralidade da vida e confessarmos a nossa esperança num mundo melhor.

Luiz Carlos Ramos é pastor metodista, doutor em Ciências da Religião e professor da FaTeo. **Luciano José Lima** é pastor metodista e mestre em História.



Ano 18, nº 47, junho/dezembro de 2010

Um ministério aprovado

Bispo Paulo Tarso de Oliveira Lockmann

Nós, metodistas, não somos muito chegados a tributar "honra a quem honra". Só em casos excepcionais, por exemplo, na virada do milênio (2000/2001), celebramos a vida de lideranças que marcaram a Igreja Metodista com seus ministérios em diferentes campos. Recordamos ali, Otília Chaves, Guaracy Silveira, James Kennedy, Cezar Dacorso Filho, Isaías Sucassas, Almir dos Santos, e tantos outros. Mas como disse, é algo esporádico.

Neste breve texto coube-me registrar nossa gratidão e admiração pela vida e ministério do Rev. Dr. Rui de Souza Josgrilberg. Sim, um simples registro do quanto significa para nós sua vida e ministério, como pastor, professor e escritor. Isto porque após 23 anos de exercício na reitoria da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, e mais de 30 anos como professor de teologia, tarefa a qual ele continuará exercendo por muito tempo, o Prof. Rui deixa a reitoria da Faculdade de Teologia num clima

de crescimento na vida desta instituição, passando ao Prof. Dr. Paulo Roberto Garcia, o qual foi preparado para esta função.

Meu contato com o Prof. Rui aconteceu antes de conhecê-lo pessoalmente, em 1971, cursando os últimos anos do Seminário César Dacorso Filho. Tive como colega de estudo seu pai Pr. Pedro Josgrilberg, que falava com orgulho do filho Rui, e que na ocasião, fazia doutorado na França. Logo que retornou, a seguir, e pude conhecê-lo pessoalmente, mas tive contato por pouco tempo, já que ele foi designado para professor em Rudge Ramos e eu viajava para Buenos Aires a fim de fazer meu mestrado em Novo testamento.

Nosso maior convívio deu-se quando ele retornou a Rudge Ramos para assumir a reitoria da FaTeo em 1983, onde eu já estava desde 1981, como professor de Novo Testamento. Nosso convívio e fraternidade foram intensos ali, aprendia a admirar e amar este irmão. Vivemos tempos difíceis de

crises institucionais e pastorais juntos, o Prof. Rui as enfrentou com segurança, serenidade e profundo espírito ético.

Visão teológica e equilíbrio caracterizam a contribuição do Prof. Rui como professor, e/ou como assessor teológico ao Colégio Episcopal, e a tantos segmentos da Igreja Metodista, aos quais deu sua colaboração.

Vários textos poderiam ser apontados como contribuições marcantes do Prof. Rui. Gostaria de destacar aqui dois, publicados na Revista Caminhando, como indicação aos/as leitores/as do Mosaico: "A motivação originária da teologia Wesleyana: o caminho da salvação" (2003) e "Autonomia e a cultura brasileira" (nº 16, 2005), por entender serem contribuição à nossa reflexão como Igreja que nos apontam direções, quanto no nosso entendimento de graça e salvação, e quanto a nossa origem e identidade como metodistas brasileiros, ambos temas tão necessários à nossa

arquivo FaTeo



caminhada missionária no Brasil de hoje.

Bispo Paulo Lockmann é bispo-presidente da 1ª Região Eclesiástica da Igreja Metodista e bispo-assistente do Colégio Episcopal para a FaTeo. Em 2009, defendeu tese de doutorado em Novo Testamento (Evangelho de Mateus) pela PUC-RJ.



arquivo FaTeo

recebe o cargo do Prof. Rui de Souza Josgrilberg, que atuou como reitor da instituição durante 23 anos, somando-se dois períodos distintos. O Prof. Paulo Garcia, é pastor metodista, presbítero ordenado em 1985. Ex-aluno da FaTeo, formado em 1983, realizou estudos de Mestrado e Doutorado em Ciências da Religião (Área de Bíblia - Novo Testamento). Sua tese de doutorado foi publicada no livro "Sábado: a mensagem de Mateus e a contribuição judaica", da Fonte Editorial (2010). Tornou-se professor da

FaTeo em 1987, coordenador do Curso de Teologia em 1992 e vice-reitor da instituição em 2005. Serve a Igreja Metodista desde 1983 como pastor das seguintes comunidades: Jardim Satélite (S. J. dos Campos), Suzano, Vila Maria, Lapa, Poá, Aricanduva e, nos últimos quatro anos, Campos do Jordão. Desde 2000 atua como Secretário Executivo da Coordenação Nacional de Educação Teológica (Conet). É membro da diretoria da Associação de Seminários Teológicos Evangélicos - ASTE. É esposo de Margarida e pai de

Paulo André, 27 anos, Michele, 25 anos, e Luísa Cristina, 13. anos. A comunidade da FaTeo deseja ao Prof. Paulo um período de trabalho, que certamente terá muitas demandas e desafios, com muitos frutos bons e momentos felizes. Ele contará com a parceria do vice-reitor nomeado Prof. Rev. Nicanor Lopes. A comunidade também agradece imensamente a marcante contribuição do Prof. Rui e espera ainda contar com sua presença e colaboração em muitas oportunidades.